UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas — Departamento de Geografia

RELATÓRIO ANUAL DE ATIVIDADES DE PÓS-DOUTORADO

Primeiro ano — 1º de setembro de 2024 a 31 de agosto de 2025

Pesquisador: Guilherme José Purvin de Figueiredo
Supervisor: Prof. Dr. Júlio César Suzuki
Projeto: A função social da literatura em Manuel Scorza: Memória, Ecologia e Literatura
Unidade: Departamento de Geografia — FFLCH/USP

1. Apresentação

Este relatório anual apresenta as atividades de investigação, produção intelectual, ensino, extensão e intercâmbio acadêmico realizadas entre setembro de 2024 e agosto de 2025, durante o primeiro ano de estágio de pós-doutorado no Departamento de Geografia da FFLCH-USP, sob supervisão do Prof. Dr. Júlio César Suzuki. O projeto examina a função social da literatura a partir da pentalogia A guerra silenciosa, de Manuel Scorza, com atenção às relações entre memória histórica, mineração, território, violência institucional e resistência de comunidades andinas.

Ao longo do ano, a leitura cerrada da obra de Scorza foi articulada a fontes históricas, jurídicas, geográficas e audiovisuais e à discussão dos Estudos Literários Ambientais. A pesquisa também fundamentou atividades docentes e de difusão científica, ampliando a interlocução com pesquisadores e públicos de diferentes áreas.

2. Desenvolvimento da pesquisa: questões e métodos

Perspectiva teórico-metodológica

O projeto articula Geografia, Literatura, Ecologia Política e Direito, tomando a obra literária simultaneamente como criação estética e como elaboração crítica da experiência histórica. A investigação trabalha com leitura cerrada dos romances, cotejo com estudos históricos, geográficos e jurídicos e identificação dos elementos narrativos associados à apropriação territorial, à desigualdade e à justiça socioambiental.

Memória, direito e natureza na pentalogia

Na comunicação “Memória, Direito e Natureza na pentalogia A guerra silenciosa, de Manuel Scorza”, apresentada no IV Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, em novembro de 2024, investigou-se a possibilidade de a literatura atuar como instrumento de denúncia e registro da história socioambiental. O estudo mobilizou os próprios romances e

bibliografia de História, Geografia, Direito e teoria literária, mediante leitura crítica e identificação de elementos sociais e jurídicos pertinentes.

Literatura e cinema: continuidade dos conflitos minerários

Em dezembro de 2024 foi apresentada na UNESP a comunicação “D’A Guerra Silenciosa, de Manuel Scorza a Operación Diablo, de Stephanie Boyd: um diálogo entre a literatura e o cinema peruanos”. O texto da proposta, preservado pelo pesquisador, compara a pentalogia ao documentário Cuando la tierra llora: Operación Diablo (2010), de Stephanie Boyd.

A hipótese formulada destaca a persistência dos conflitos de desterritorialização, contaminação ambiental e violência contra comunidades camponesas décadas depois dos acontecimentos representados por Scorza. A comparação aponta a passagem de modalidades de repressão policial e estatal para a atuação de empresas de segurança privadas associadas a interesses minerários. Considera, ainda, a forma narrativa híbrida dos romances, situada entre a crônica e a ficção romanesca, frequentemente designada pela crítica como “cronivela”. Esses resultados são aqui registrados como hipóteses e interpretações apresentadas no trabalho, não como demonstrações históricas exaustivas.

Literatura e enfermidade

Uma vertente complementar das reflexões do período aproximou a representação literária da enfermidade de questões sociais e ecológicas. O artigo “Literatura e Enfermidades no Antropoceno”, publicado na Revista PUB em 13 de novembro de 2024, examinou, entre outros exemplos, Guimarães Rosa e Thomas Mann e a presença da doença na criação literária. O texto antecedeu a participação prevista para 15 de novembro de 2024 em mesa dedicada à enfermidade na pentalogia de Scorza e no mundo andino.

Como antecedente teórico, a investigação dialogou com o artigo “Neoconstitucionalismo Andino, Literatura, Memória e Resistência”, publicado em 2024 na Revista de Direito e Política, em continuidade a reflexões iniciadas antes do período relatado.

Estudos literários ambientais e perspectivas latino-americanas

A investigação aprofundou a discussão das relações entre Literatura, Ecologia, Geografia e Direito. O estudo “Literatura, Ecologia e Universidade: notas sobre um percurso interdisciplinar”, apresentado no contexto do congresso de Fortaleza, articulou a educação ambiental à experiência estética, discutindo o alcance e os limites da ecocrítica como uma das vertentes dos Estudos Literários Ambientais. A reflexão retomou Antonio Candido e apontou a conveniência de uma abordagem crítica situada nas experiências culturais e históricas latino-americanas.

A pesquisa também passou a relacionar a obra de Scorza com outras representações da exploração da natureza, dos territórios e das resistências, inclusive cinematográficas. Essa vertente é evidenciada pela comunicação sobre o documentário Hija de la Laguna, apresentada em Salamanca.

Pesquisa, territorialidade e mineração

O projeto manteve como questões centrais a representação da violência territorial, a apropriação minerária, a colonialidade e as resistências indígenas e camponesas. Nesse eixo de investigação situam-se os estudos "Mineração, Entropia e Colonialidade: limites ecológicos, justiça ambiental e a ilusão da mineração sustentável no Sul Global", em coautoria com Júlio César Suzuki, e "Percurso Histórico do Colonialismo Minerário no Brasil: Do Regimento do Ouro (1702) ao PL das Terras Raras (2024)", publicados em 2025 na Revista de Direito e Política, volume 37. Esses trabalhos ampliam o diálogo entre a pesquisa literária, os processos históricos de exploração mineral e a crítica socioambiental latino-americana.

3. Atividades científicas e de extensão — setembro de 2024 a fevereiro de 2025

Ciclo de Debates sobre Direitos Humanos, Literatura e Ecologia na América Latina

Entre setembro e novembro de 2024, idealizei, organizei e apresentei cinco encontros internacionais sobre questões socioambientais latino-americanas, no âmbito do Departamento de Geografia da FFLCH-USP e com apoio do PROLAM-USP, IBAP e ALADA:

- 24/09/2024 — Equador: Ecologia, Povos Indígenas e sua Constituição; convidada Maria Amparo Albán.
- 03/10/2024 — Chile: Socioambientalismo, Povos Indígenas e Luta Anticolonial; convidado Manuel Jacques Parraguez.
- 10/10/2024 — Peru: Meio Ambiente, Comunidades Tradicionais e Direitos Humanos; convidados Mariano Castro Sánchez Moreno e Genaro Félix Uribe Santos.
- 17/10/2024 — Colômbia: Minería, Agricultura y Comunidades Indígenas; convidado Luis Fernando Macías Gómez.
- 21/11/2024 — Argentina: Ambiente, trabajo, transición justa en los mega negocios de escala; convidado Homero Máximo Bibiloni.

A iniciativa havia sido inicialmente concebida como uma série de podcasts em áudio. O registro integral dos encontros em vídeo, disponibilizado no YouTube, mostrou-se mais adequado ao propósito original: preservou as intervenções e a dinâmica visual dos debates e permitiu consulta posterior, ampliando o alcance pedagógico e documental da série. Os cinco vídeos formam um pequeno acervo audiovisual de divulgação científica, com utilidade para o ensino, a extensão e a comparação de situações nacionais de mineração, direitos indígenas e conflitos territoriais. Os endereços constam do Anexo A.

IV Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina — PROLAM-USP

Realizado de 4 a 8 de novembro de 2024, na FFLCH-USP. Apresentei a comunicação "Memória, Direito e Natureza na pentalogia A guerra silenciosa, de Manuel Scorza", na área temática Arte e Pensamento na América Latina. A apresentação está documentada por certificado específico de Seminários de Pesquisa (6 horas) e a presença no evento por

certificado de participação geral (40 horas). Essas cargas não são somadas, por se referirem ao mesmo evento. O resumo está publicado nos anais da Even3 em 10 de março de 2025.

Congresso Internacional Literatura y Enfermedad — participação virtual

O convite formal enviado por Alejandra Monterroso em 6 de novembro de 2024 convocou minha participação, no dia 15 de novembro, na mesa "La enfermedad en la pentalogía de Manuel Scorza y en el mundo andino", realizada no âmbito do 5º Congreso Internacional Literatura y Enfermedad / 4º Simposio Nacional de Arte y Enfermedad. O convite indicava transmissão pelas redes sociais do Centro de Estudios Literarios Antonio Cornejo Polar e de El Lamparero Alucinado Ediciones. Minha intervenção está registrada no vídeo público do evento, cuja presença conferi pessoalmente. O link integra o Anexo A.

IX Workshop do Grupo de Pesquisas em Dramaturgia, Cinema, Literatura e outras Artes — UNESP

Realizado em 2 e 3 de dezembro de 2024, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara, no âmbito do GPDC-LoA e sob o tema "Jovens Pesquisadores em Literatura e Outras Artes". Apresentei o projeto "D'A Guerra Silenciosa, de Manuel Scorza a Operación Diablo, de Stephanie Boyd: um diálogo entre a literatura e o cinema peruanos". O certificado expedido pela instituição registra 14 horas de atividades. Conserva-se também o texto da proposta de comunicação.

2º Simpósio Virtual de Direito Ambiental do IBAP — Brasil e Argentina

Participei como palestrante do 2º Simpósio Virtual de Direito Ambiental do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública — IBAP, ocorrido de 10 a 12 de dezembro de 2024, com a exposição "Neo-Colonialismo na América-Latina e a falácia da Energia Limpa". A intervenção tratou de questões relacionadas ao neocolonialismo e às contradições socioambientais de modelos energéticos, conexas ao problema da exploração econômica de territórios latino-americanos investigado no pós-doutorado. A relação é temática: não se apresenta a conferência como análise direta dos romances de Scorza.

O evento, realizado em plataforma Zoom e transmitido pelo canal da Revista PUB no YouTube, contou com programação dedicada ao diálogo entre Brasil e Argentina sobre Direito Ambiental. A conferência integrou a Mesa 6 — "Meio Ambiente na América Latina", das 16h30 às 18h30 do dia 12 de dezembro. O certificado individual, emitido em 25 de fevereiro de 2025, atesta a atuação como palestrante; a carga horária de 16 horas se refere ao simpósio completo, e não à palestra isolada.

A comunicação "Literatura e Ecologia na América Latina", construída em colaboração com Júlio César Suzuki, Ricardo Antonio Lucas Camargo e Adriana Carvalho Silva, integrou os Seminários de Pesquisa do IV Simpósio Pensar e Repensar a América Latina, em novembro de 2024. Os registros dessa contribuição e da comunicação individual sobre Scorza foram posteriormente disponibilizados nos anais publicados em março de 2025.

4. Ensino, extensão e congressos — março a agosto de 2025

Entre 8 de março e 12 de abril de 2025, foi realizado na FFLCH-USP, por meio do Sistema Apolo, o curso de difusão Literatura e Ecologia, com 18 horas distribuídas em seis sábados. Guilherme José Purvin de Figueiredo atuou como ministrante em colaboração com Júlio César Suzuki, Jean-Marie Lassus e Adriana Iozzi Klein. A designação oficial consta de e-mail do Sistema Apolo enviado em 28 de janeiro de 2025; a oferta possui o código 132632.

A programação atribuiu ao pesquisador três encontros: “Da Grécia à Revolução Industrial: A Odisseia do Antropoceno” (8 de março), “Degradação do meio ambiente, Socialismo e o Breve Século XX” (15 de março) e “Catástrofe climática e a degradação da democracia” (12 de abril).

A experiência foi analisada no estudo apresentado em Fortaleza, que informa aproximadamente 700 inscrições para 100 vagas, 82 confirmações e frequência média de 74%. O levantamento avaliativo identificou participantes de Letras (42%), Direito (17%) e Pedagogia (13%), entre outras áreas, e reuniu depoimentos sobre a ampliação da percepção ecológica por meio da leitura literária. Os resultados evidenciaram o interesse pela abordagem interdisciplinar e ofereceram subsídios para sua continuidade e aprofundamento.

Fortaleza — maio de 2025

De 20 a 23 de maio de 2025, a Universidade de Fortaleza sediou congressos organizados em torno do tema “COP 30: Clima, Direito e Mercado em Conflito”, incluindo o 29º Congresso Brasileiro de Advocacia Pública e eventos acadêmicos associados. Participei do Painel 8 — “Direito, Arte e Literatura no Antropoceno”, com apresentação sobre a articulação entre estudos literários ambientais e formação universitária.

A conferência “Literatura, Ecologia e Universidade: notas sobre um percurso interdisciplinar” apresentou a reflexão sobre os estudos literários ambientais e sistematizou a experiência do curso de extensão da USP. O trabalho integra também o volume COP 30: Clima, Direito e Mercado em Conflito (Fortaleza: UNIFOR, 2025, p. 231–256, ISBN 978-65-85314-20-6), constituindo um desdobramento bibliográfico dessa atividade acadêmica.

Salamanca, Espanha — junho de 2025

No VIII Congreso Internacional de Historia, Arte y Literatura en el Cine en Español y Portugués (CIHALCEP), realizado em Salamanca de 18 a 20 de junho de 2025, foi apresentada a comunicação “Hija de la Laguna: paralelos com a obra de Manuel Scorza”, voltada às aproximações entre narrativa literária e cinema na representação das relações entre mineração, meio ambiente e comunidades andinas. O pesquisador também moderou a mesa “Cine y cosmovisión indígena”. Ambas as funções estão documentadas em certificados da Universidade de Salamanca, datados de 20 de junho de 2025.

XVIII SICOOPES — Castanhal, agosto de 2025

No âmbito do XVIII SICOOPES, realizado em Castanhal, Pará, foi preparado o minicurso "Literatura e Ecologia na América Latina", em colaboração com Júlio César Suzuki e Ana Cristina Ribeiro Bonchristiano. A atividade integrou a programação de 26 de agosto de 2025, das 14h às 18h, na Sala de Aula 11 do Bloco Pedagógico, com enfoque nas relações entre literatura, território e questões socioambientais.

A proposta reuniu leituras de Ferreira de Castro, Márcio Souza, Eliane Brum, Mário de Andrade, Pauline Melville e Manuel Scorza, tomando a Amazônia como território de memória, exploração e resistência. A articulação desses autores permitiu desenvolver uma abordagem comparativa da experiência colonial e das disputas ambientais na América Latina.

A experiência do curso de difusão realizado entre março e abril forneceu subsídios à criação da disciplina IAL5829 — "Literatura, Ecologia e Descolonialidade: Leituras da América Latina", no PROLAM/USP, em colaboração com o supervisor Júlio César Suzuki. A disciplina foi formalizada em agosto de 2025, dando continuidade ao trabalho interdisciplinar desenvolvido no curso de extensão.

A passagem da atividade de extensão a uma disciplina de pós-graduação constitui resultado institucional relevante: a experiência mostrou demanda por aprofundamento, sistematização teórica e maior tempo de leitura e debate de produções literárias latino-americanas.

5. Produção bibliográfica e circulação dos resultados

A pesquisa gerou e mobilizou produções escritas e comunicações científicas ao longo do primeiro ano. Em 2024, destacam-se o ensaio "Literatura e Enfermidades no Antropoceno", na Revista PUB, e os trabalhos sobre memória, direito e natureza em A guerra silenciosa e sobre a relação entre os romances de Scorza e o documentário Operación Diablo. Em março de 2025 foram publicados os anais do IV Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, com trabalhos apresentados em novembro de 2024.

A comunicação "Literatura, Ecologia e Universidade: notas sobre um percurso interdisciplinar", apresentada em Fortaleza em maio de 2025, integra também a publicação COP 30: Clima, Direito e Mercado em Conflito (Fortaleza: UNIFOR, 2025, p. 231–256), como resultado da sistematização teórica e pedagógica do curso oferecido na USP.

Em julho de 2025 foi lançado o livro A Ação Civil Pública após 40 Anos (São Paulo: Thomson Reuters/Revista dos Tribunais, 2025), coordenado por Édis Milaré, no qual publiquei o capítulo "A natureza como sujeito de direitos sob a ótica da legitimidade ativa na ação civil pública" (p. 165–173). O estudo examina a titularidade e a representação processual dos direitos da natureza e dialoga com a ecologia decolonial, especialmente com Malcom

Ferdinand, e com o debate sobre a Pachamama e a diversidade das cosmologias indígenas. Essa perspectiva contribui para uma reflexão interdisciplinar sobre território, cultura, justiça socioambiental e colonialidade, relevante ao horizonte latino-americano da pesquisa.

Também se situam no eixo interdisciplinar da investigação os estudos “Mineração, Entropia e Colonialidade: limites ecológicos, justiça ambiental e a ilusão da mineração sustentável no Sul Global”, em coautoria com Júlio César Suzuki, e “Percurso Histórico do Colonialismo Minerário no Brasil: Do Regimento do Ouro (1702) ao PL das Terras Raras (2024)”, registrados como publicações de 2025 na Revista de Direito e Política.

6. Balanço do primeiro ano e perspectivas

O primeiro ano de estágio consolidou a abordagem interdisciplinar da pentalogia de Manuel Scorza, articulando leitura literária, memória histórica dos conflitos agrários andinos, análise da exploração minerária e discussão das formas de resistência e justiça socioambiental. As comunicações apresentadas em São Paulo, Araraquara, Fortaleza e Salamanca, bem como a realização de debates internacionais, contribuíram para o desenvolvimento e a circulação dos resultados.

A realização do curso de difusão Literatura e Ecologia, sua avaliação sistemática e a criação da disciplina IAL5829 no PROLAM-USP constituem desdobramentos docentes e institucionais importantes. A aproximação entre literatura e educação ambiental, o diálogo com documentários sobre conflitos minerários e o exame de cosmologias indígenas indicam caminhos para o aprofundamento da pesquisa nos períodos subsequentes.

A continuidade dos trabalhos contempla o aprofundamento da leitura cerrada da obra de Scorza, a investigação de suas conexões com o cinema e a história socioambiental peruana, o desenvolvimento de práticas pedagógicas interdisciplinares e a ampliação do intercâmbio acadêmico latino-americano.

São Paulo, outubro de 2026.

Guilherme José Purvin de Figueiredo
Pesquisador de Pós-Doutorado — Departamento de Geografia, FFLCH/USP

Anexos documentais

Reúnem-se, após o texto do relatório, os comprovantes dos dois semestres, agrupados cronologicamente. Documentos apresentados como antecedentes bibliográficos são mantidos com essa natureza. Não se inclui a reprodução fotográfica de baixa qualidade da coletânea A Ação Civil Pública após 40 Anos; seus dados editoriais constam no relatório.

Grupo I — Atividades de setembro de 2024 a fevereiro de 2025: certificados e registros de conferências, seminários, oficina na UNESP, comunicações científicas e simpósio IBAP (documentos do relatório semestral anteriormente consolidado).

Grupo II — Atividades de março a agosto de 2025: registro Apolo, texto acadêmico apresentado em Fortaleza, convite e certificado do congresso, certificados de Salamanca e documentação do minicurso no Pará (documentos do segundo relatório semestral anteriormente consolidado).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
BRASIL

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL PENSAR E REPENSAR A AMÉRICA LATINA
II CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E PESQUISA SOBRE A AMÉRICA LATINA

Certificamos que **Guilherme José Purvin de Figueiredo** participou com êxito do IV Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina e do II Congresso Internacional Pensamento e Pesquisa sobre a América Latina, realizados nos dias 04 a 08 de novembro de 2024, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, promovidos pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina - PROLAM-USP, com carga horária de 40h.

São Paulo, 08 de novembro de 2024.

Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza
Presidente da Comissão Científica

Prof. Dr. Júlio Cesar Suzuki
Presidente da Comissão Organizadora

Verifique o código de autenticidade 13842485.80759055.6.8.08727818431641158 em https://www.even3.com.br/documentos

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
BRASIL

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL PENSAR E REPENSAR A AMÉRICA LATINA
II CONGRESSO INTERNACIONAL PENSAMENTO E PESQUISA SOBRE A AMÉRICA LATINA

Certificamos que **Guilherme José Purvin de Figueiredo**, participou com êxito da atividade **Apresentação de Trabalho - Seminários de Pesquisa** durante o IV Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina e do II Congresso Internacional Pensamento e Pesquisa sobre a América Latina, realizados nos dias 04 a 08 de novembro de 2024, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, promovidos pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina - PROLAM-USP, com carga horária de 6h.

São Paulo, 08 de novembro de 2024.

Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza
Presidente da Comissão Científica

Prof. Dr. Júlio Cesar Suzuki
Presidente da Comissão Organizadora

Verifique o código de autenticidade 13842435.80759055.8296194.8.08727018431641182659678 em https://www.even3.com.br/documentos

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Câmpus de Araraquara

CERTIFICADO

Certifico que **Guilherme José Purvin de Figueiredo** participou, nos dias 2 e 3 de dezembro de 2024, do IX Workshop do Grupo de Pesquisas em Dramaturgia, Cinema, Literatura e outras Artes (GPDC-LoA) – "Jovens Pesquisadores em Literatura e Outras Artes", com a apresentação do projeto intitulado "D'*A Guerra Silenciosa,* de Manuel Scorza a *Operación Diablo,* de Stephanie Boyd: um diálogo entre a literatura e o cinema peruanos". O evento contabilizou, integralmente, 14 horas de atividades.

Araraquara, 13 de dezembro de 2024.

Prof. Dr. Gustavo de Mello Sá Carvalho Ribeiro
Chefe do Departamento de Linguística,
Literatura e Letras Clássicas

D'*A Guerra Silenciosa,* de Manuel Scorza a *Operación Diablo,* de Stephanie Boyd: um diálogo entre a literatura e o cinema peruanos

Minha proposta é de apresentação de uma comunicação visando a ressaltar as semelhanças entre os cinco romances do escritor peruano Manuel Scorza que formam a pentalogia "A Guerra Silenciosa" (*Redoble por Rancas – 1970; História de Garabombo, o Invisível – 1973; O Cavaleiro Insone – 1977; Cantares de Agapito Robles – 1977;* e *A Tumba do Relâmpago – 1979)* com o documentário peruano *Cuando la tierra llora: Operación Diablo* – dirigido em 2010 por Stephanie Boyd. O ciclo de romances e o filme tratam da mesma realidade: o violento processo de desterritorialização da população camponesa e a contaminação das águas, do solo e do ar por poderosas indústrias mineradoras, sempre com o olhar condescendente do Estado.

A narrativa do filme, vencedor do Prêmio Internacional de Película sobre os Direitos Humanos do Festival Internacional de Cinema de Berlim, guarda uma espantosa semelhança com os cinco conhecidos romances de Manuel Scorza. Tendo sido rodado mais de 30 anos depois do lançamento do último volume da pentalogia, o filme de Stephanie Boyd mostra que todos os fatos denunciados por Scorza continuam vivos, adquirindo, porém, contornos ainda mais assustadores de violência e impunidade das mineradoras, já que a violência do Estado policial foi agora terceirizada para empresas de segurança privada.

É relevante destacar que os romances de Manuel Scorza inovaram na técnica narrativa, pois se situam numa zona limítrofe entre a crônica e o romance – o que levou alguns teóricos a denomina-los de "cronivelas" (híbrido de crônicas e novelas, isto é, romances). Desta forma, o filme que apresento para fins de comparação, revela-se quase como uma transposição atualizada daqueles romances que buscavam retratar a situação das comunidades indígenas quéchuas no período de 1950 a 1962.

Guilherme José Purvin de Figueiredo

Escritor. Graduado em Direito e Letras pela USP. Mestre e Doutor em Direito. Pós-Doutorando em Geografia pela USP, com projeto de pesquisa sobre a obra de Manuel Scorza.

Guilherme José Purvin de Figueiredo <guilherme.figueiredo@usp.br>

5TO CONGRESO INTERNACIONAL LITERATURA Y ENFERMEDAD (4TO SIMPOSIO NACIONAL DE ARTE Y ENFERMEDAD) HOMENAJE A GONZALO PORTALS ZUBIATE

1 mensagem

Alejandra Monterroso <literaturayenfermedad@gmail.com> 6 de novembro de 2024 às 01:15
Para: guilherme.figueiredo@usp.br

Muy buenas noches, Dr. Guilherme José Purvin de Figueiredo. Le escribo porque generosamente Jean-Marie Lassus, me brindó su contacto para un diálogo que se realizará sobre la obra de Manuel Scorza. Por ello, queremos invitarlo a participar en esta mesa que se titula **"La enfermedad en la pentalogía de Manuel Scorza y en el mundo andino"**. Se realizará el día viernes 15 de noviembre en **(11:00 a. m. - 12:00 p. m.)**. En el transcurso de la semana le brindaremos el enlace correspondiente para su participación, y comentarle que se transmitirá en las redes sociales del Centro de Estudios Literarios Antonio Cornejo Polar y la Editorial El Lamparero Alucinado Ediciones.

Estamos al tanto de su confirmación y cualquier consulta que tenga.
Saludos cordiales,
Alejandra Monterroso.

[VOLTA AO SUMÁRIO]

NEOCONSTITUCIONALISMO ANDINO, LITERATURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Guilherme José Purvin de Figueiredo[1]

LITERATURA, SOCIEDADE E ECOCRÍTICA NA OBRA DE MANUEL SCORZA

Dentro da linha de pesquisa de *Literatura e Sociedade*[2], proposta por Antonio Cândido, é cabível agregar a Ecocrítica Literária, que consiste numa abordagem interdisciplinar que examina as representações da natureza e do meio ambiente na literatura e outras formas de arte. Ela busca entender como textos literários refletem, influenciam e moldam nossas atitudes em relação ao mundo natural. A Ecocrítica é interessada em questões de sustentabilidade, ecologia,

---

[1] Pós-Doutorando – Depto. Geografia USP. Doutor e Mestre em Direito (USP). Bacharel em Direito e Letras (USP). Professor de Direito Ambiental e do Curso sobre Literatura e Ecologia USP. Procurador do Estado/SP Aposentado. Coordenador Internacional do IBAP e da APRODAB.

[2] CÂNDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade, 8ª ed. São Paulo : T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

e a relação entre humanos e o meio ambiente, e ela frequentemente explora como a literatura pode contribuir para a conscientização e a ação ambiental.

Manuel Scorza (1928-1983), poeta e romancista peruano, na década de 1970, escreveu um ciclo de romances conhecido como *A Guerra Silenciosa* ou *As Baladas,* focalizando a luta de moradores dos Andes centrais, em especial os povos originários, contra a injustiça socioambiental – tema que já vinha sendo abordado por outros grandes nomes da Literatura Peruana, como é o caso de Ciro Alegría (1908-1967), autor de *El mundo es ancho y ajeno* e de *Los perros hambrientos;* e de José María Arguedas (1911-1969), autor de *Los ríos profundos* e de *Yawar Fiesta*.

A obra de Scorza versa sobre o esbulho possessório promovido pelo poder econômico, em especial pela empresa mineradora *Cerro de Pasco Corporation* – CPC, bem como por latifundiários peruanos. Manuel Scorza foi um dos primeiros escritores a dar voz à população socioambientalmente vitimada pela exploração minerária.

Esta exploração, no caso, vinha sendo realizada desde 1902 pela *Cerro do Pasco Mining Corporation,* multimilionária empresa de capital norte-americano. A epígrafe da "Balada I" da saga, *Redobles por Rancas* (na tradução brasileira, *Bom dia para os defuntos*), cujo subtítulo é *Lo que sucedió diez años antes que el Coronel Marruecos fundara el segundo cementerio de Chinche*, é epigrafada com uma nota do jornal "Expreso", de Lima, do dia 4 de novembro de 1966, que dá uma pálida noção do poderio econômico da empresa no Peru:

> *Nueva York, 3 (UPI). Las ganancias de la "Cerro de Pasco Corporation" en los nueve primeros meses de este año aumentaron notablemente. No obstante los altos costos de producción y una huelga de ocho semanas en una compañía subsidiaria de EE.UU., según anunció el Presidente de esa organización, Robert P. Koening, las utilidades netas en esos nueve meses alcanzaron a 31.173.912 dólares, o sea, 5,32 dólares por acción.*

Las ventas en los nueve meses de 1966 totalizaron 296.538.020,00 dólares, contra 242.603.019,00 del año anterior.

A recepção de obras literárias de forte conteúdo socioambiental – por exemplo, os romances *Não verás país nenhum,* de Ignacio Loyola Brandão e *Galvez Imperador do Acre,* de Márcio Souza – e também de filmes como *O retrato de uma coragem* (*Silkwood,* de Mike Nichols, 1980), *A qualquer preço* (*A civil action*, de Steven Zaillian, 1998), Erin Brockovich (de Steven Soderbergh, 2000), dentre outros, dialoga com antigos estudos acerca dos aspectos constitucionais e legais da realidade fundiária do Peru, Bolívia e Equador[3] e sobre a dimensão ambiental da função social da propriedade[4]. Ao fim e ao cabo, no estudo das relações entre a Literatura, o Direito e a Ecologia, chegamos ao campo da Ecocrítica (*Ecocriticism*) — termo que, na língua inglesa, tanto pode denotar a crítica propriamente dita como a teoria literária sob a perspectiva ecológica.

A recente homenagem aos 40 anos da morte de Manuel Scorza[5], em Lima, serviu de mote para a releitura do ciclo d'*A Guerra Silenciosa*, de referido autor, dentro de uma perspectiva que unisse interdisciplinarmente uma análise jurídica, socioambiental e literária dos episódios narrados por referido autor peruano – o que exige aportes também da área da Geografia.

---

[3] FIGUEIREDO, Guilherme José Purvin de & REZENDE, Roberto A.V. de. "As demais Constituições Latino-Americanas", capítulo da obra *A Constitucionalização do Direito do Trabalho no Mercosul* / Hermelino de Oliveira Santos, coordenador. São Paulo : LTr, 1998.

[4] FIGUEIREDO, Guilherme José Purvin de. A Propriedade no Direito Ambiental, 3ª ed. São Paulo : Revista dos Tribunais, 2012.

[5] No dia 27 de novembro de 1983, a Literatura Latino-Americana sofria uma trágica perda: o romancista mexicano Jorge Ibargüengoitia, o ensaísta uruguaio Ángel Rama, a crítica de arte argentina Marta Traba e o escritor peruano Manoel Scorza eram alguns dos passageiros da aeronave da Avianca que seguia de Paris rumo a Bogotá, com escala em Madrid e que acabou por vitimar 183 pessoas. Manuel Scorza tinha então 55 anos de idade e acabara de escrever o romance "*La Danza Inmóvel*".

MINERAÇÃO NO PERU E NO BRASIL

Em que pesem as diferenças existentes entre o processo civilizatório no Peru e no Brasil, é possível encontrar muitos paralelos na história da ocupação fundiária e da mineração entre os dois países. Os grandes desastres socioambientais e ecológicos que vêm ocorrendo cada vez com maior frequência no Brasil — tenhamos em vista as tragédias de Bento Rodrigues e de Brumadinho, em Minas Gerais, o Projeto Jari no Amapá, o desastre em curso da Brasken na lagoa do Mundaú, em Maceió, Alagoas — sucederam processos violentos de desocupação de populações originárias ou tradicionais. Se, no Brasil, em 2000, uma refinaria da Petrobrás provocou um gigantesco derramamento de petróleo na baía da Guanabara, causando a morte da fauna aquática e a destruição dos meios de subsistência dos pescadores artesanais, em 2022 a Repsol fez o mesmo no Peru, obrigando este país a declarar estado de emergência ambiental devido à ruptura do oleoduto *Norperuano.*

Assim, é compreensível que a produção literária brasileira também conte com exemplos de obras voltadas à (in)justiça socioambiental, inclusive no que diz respeito à estrutura fundiária e à produção minerária, de que são exemplos os romances *Outono de carne estranha,* de Airton Souza, *A mão de ouro,* de Gláucia e Willian Vale, *Cascalho,* de Herberto Sales, *Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam,* de Julia Castello Goulart, *Odisseia brasileira,* de Stephen E. Murphy. Isto sem nos esquecermos de *São Bernardo,* de Graciliano Ramos e da produção poética de João Cabral de Mello Neto (*Morte e vida severina*) e de Carlos Drummond de Andrade (uma profusão de poemas inspirados na temática socioambiental e minerária).

CORPUS LITERÁRIO

Da produção literária de Manuel Scorza, destaca-se a saga andina *Balada* ou *A guerra silenciosa*, série de cinco romances escritos entre 1970 e 1979 e que relatam uma revolta camponesa de 1960, ocorrida nos Andes centrais do Peru, envolvendo interesses econômicos de uma companhia mineira norte-americana, que tentava expulsar os lavradores de suas terras. Para denunciar essa situação, Scorza começou a fazer reportagens que os jornais de Lima se recusaram a publicar e que lhe serviram de base para o ciclo de cinco romances.

Inaugurada em 1970 com o romance *Redoble por Rancas* (na tradução brasileira, *Bom dia para os defuntos*), intitulado *Balada I – Lo que sucedio diez años antes que el Coronel Marruecos fundara el segundo cementerio de Chinche*. Na Balada 2 – *Historia de Garbombo, el Invisible*, lançada em 1972, Manuel Scorza passa a denominar o ciclo de *La Guerra Calada*[6]. O terceiro romance é *El Jinete Insomne*, lançado em 1977. Já não é feita referência a um ciclo e tampouco é denominado de *balada*. *Cantar de Agapito Robles* também é datado de 1977. O último romance do ciclo é *La Tumba del Relámpago;* foi escrito nos meses de novembro-dezembro de 1977 em Paris e março-abril de 1978 em Lima, tendo sido lançado em 1979.

Os cinco romances (ou *baladas*) tratam das lutas camponeses de povoados peruanos dos Andes centrais que habitavam essas regiões desde épocas imemoriais, contra o poderio econômico de latifundiários e empresas multinacionais que forçam seu desalojamento com base na violência e no descaso para com os títulos de propriedade que assegurariam o direito de sua permanência.

---

[6] Cabe aqui uma digressão sobre diferença entre "silencioso" e "calado" – ser silencioso difere de ser silenciado; já "ser calado" oferece uma dubiedade: sou calado porque sou silencioso ou por que estou sendo silenciado?

Depois disto, Manuel Scorza só escreveria mais um romance, *La danza inmóvil* (1983), contudo versando sobre temática totalmente diversa, vindo a falecer num acidente aeronáutico naquele mesmo ano.

O lançamento de *Redobles por Rancas* foi um grande sucesso editorial. A obra foi traduzida para pelo menos 24 idiomas [7]. Este número, observa Gonzalo Soltero, o coloca ao lado de autores prestigiados como Gabriel García Márquez e Laura Esquivel. Todavía, diz ele, *la bibliografía real sobre su poesía y novelas se reduce a unas pocas tesis por el mundo y artículos publicados en revistas especializadas.*[8] De fato, hoje o nome de Scorza é quase ignorado no próprio Peru e, se em 2023 houve algum debate acadêmico, isso se deveu à efeméride (40 anos de sua morte). [9]

SOBRE A TEMÁTICA SOCIOAMBIENTAL DA PENTALOGIA

A *Balada* ou *Guerra Silenciosa* relata uma das maiores e duradouras tragédias socioambientais da história da América Latina. A Defensoria del Pueblo do Perú conceitua *conflito social* como sendo

> …un proceso complejo en el cual sectores de la sociedad, el Estado y/o las empresas perciben que sus posiciones, intereses, objetivos, valores, creencias o necesidades son

[7] Esse número é fornecido por Friedrich Schmidt, no "Index Traslationum". No prólogo de suas Poesias reunidas por Editorial Siglo XXI são mencionadas 36 traduções. No entanto, várias páginas de Internet arriscam o número de quarenta ou mais traduções (SOLTERO, Gonzalo. *Manuel Scorza, responsabilidad y olvido.* In: Signos Literarios – Enero-Junio, 2005, p. 125).

[8] SOLTERO, Gonzalo. Op. Loc. Cit.

[9] Refiro-me à iniciativa do Centro Cultural Inca Garcilaso, do Ministerio de Relaciones Exteriores que, em 29 de novembro de 2023, promoveu em Lima um "conversatorio" com a participação de Elqui Burgos, Fernando Cavallo, Jean-Marie Lassus e Abelardo Sánchez-León.

> contradictorios, créandose una situación que podría derivar en violencia.
> La complejidad de los conflictos está determinada por el número de actores que intervienen en ellos, la diversidad cultural, económica, social y política, las formas de violencia que se pueden presentar, o la debilidad institucional para atenderlos, entre otros elementos. [10]

Para compreender a obra em toda sua extensão, é importante ter algumas noções sobre a história dos povos originários do Peru, sobre o processo de organização fundiária do país (legislação sobre propriedade imobiliária rural) e sobre sua economia predominantemente voltada ao extrativismo mineral (legislação ambiental).

No entanto, falamos aqui de uma obra de literatura e, nesse sentido, as aproximações com o Direito, a Ecologia/Geografia Agrária e os estudos sobre a Memória destinam-se basicamente a promover uma abordagem mais ampla, interdisciplinar e ecocrítica da obra.

Por isso, é proveitoso enveredar pelo estudo de outras obras da Literatura Peruana, em particular dos romances de Ciro Alegría, Jose Maria Arguedas e César Vallejo, assim como, numa perspectiva de literatura comparada, de romances brasileiros que tratam de temática idêntica (mineração, conflitos fundiários, injustiça social no meio rural).

Como ensina SUZUKI, "[P]ensar a integração da América Latina requer, antes de tudo, reconhecer a sua diversidade histórica, cultural, política, econômica e ambiental. Mas também sua unidade em termos de formação no jogo de hierarquias globais, sempre na condição de subalternização, o que se expressa em características que aproximam os países que formam a região" [11].

---

[10] Defensoría del Pueblo. Consulta online em 05.06.2024: https://www.defensoria.gob.pe/areas_tematicas/paz-social-y-prevencion-de-conflictos/

[11] Revista USP • São Paulo • n. 136 • p. 53-70 • janeiro/fevereiro/março 2023.

Nesse sentido, em que pesem as diferenças histórica, cultural, política, econômica e ambiental entre Peru e Brasil, é interessante confrontar o ciclo de Manuel Scorza com obras literárias brasileiras versando sobre exploração minerária, formação de latifúndios e temas conexos, com a finalidade de identificar a mencionada unidade.

E, à medida em que vamos conhecendo mais de perto a história da mineração na América Latina, mais evidentes se tornam as semelhanças entre o que aconteceu (e ainda acontece no Peru) e eventos trágicos ocorridos no Brasil, de que são exemplos os desastres de Trombetas (1988, Mineração Rio do Norte, Pará), Germano (2001, Samarco), Mariana (2015, Samarco – Vale/BHP), Barcarena (2018, Hydro Alunorte) e Brumadinho (2019, Vale – MG), isto para não falar das explorações minerárias de ouro declaradamente ilegais e realizadas por facções criminosas em território indígena na região amazônica.

Essa triste realidade impõe a realização de um estudo interdisciplinar, que contemple não apenas os aspectos estritamente literários da obra de Scorza, mas também as perspectivas jurídicas e psicológicas, em especial no que diz respeito à preservação / reconstrução de uma memória individual e coletiva dos segmentos excluídos do processo decisório no capitalismo, para formação de um pensamento crítico que nos conduza a transformações radicais no modo de produção nos países submetidos ao neocolonialismo extrativista.

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA

Mauro Mamani Macedo, em estudo sobre o romance *Redoble por Rancas*, sustenta que este é um texto fronteiriço entre a crônica e o romance, já que parte de fatos realmente ocorridos:

> *Esto quiere decir que al (re)presentar los hechos relatados en RPR, Scorza se sirve de una serie de estrategias que son propias*

> *de la novela. El autor desarrolla un contenido que se elabora no según la forma que le correspondería (la del discurso histórico o periodístico), sino que opta por otra forma (la del discurso literario).*

Referido autor explica que Scorza, por conta de seu interesse enorme pelos fatos ocorridos e de sua extrema sensibilidade, vê ali uma façanha muito grande, que não pode perder-se no anonimato e ser esquecida. É assim que surge a proposta de escrever um ciclo de cinco romances. Partícipe da própria luta dos camponeses, Scorza não quer que tudo aquilo que viu caia no esquecimento. Percorre pessoalmente as comunidades e vai até os confins de Cerro de Pasco para constatar a situação. O romancista convive com a comunidade, visita as choças rústicas, torna-se amigo dos camponeses, grava seus depoimentos sobre as lutas e reúne muitos documentos, realizando um verdadeiro trabalho de sociólogo ou antropólogo, inserido em meio às comunidades. Retornando a Lima, Scorza se reúne com Genaro Ledesma e continua indagando:

> Ya cuando, como diputado electo, vine a Lima, hecha ya esta amistad con Scorza en Cerro de Pasco, nos reunimos nuevamente y reconstruimos sucesos a partir de recuerdos. Como estaban cercanos, era fácil reproducirlos y los iba anotando, iba haciendo el esquema cronológico de las cosas" (Forgues, 1991:166).

Ou seja, Scorza em primeiro lugar fez a documentação, a consulta a fontes vivas, a testemunhos como Ledesma ou à sua própria memoria, que entra em diálogo com outras lembranças de outros que viveram esses fatos. O trabalho literário veio depois: como relatar esses fatos para que não percam sua dimensão. [12]

---

[12] MAMANI MACEDO, Mauro. *Redoble por Rancas: la escritura contra el olvido.* In: Martin – Revista de Artes y Letras de la Universidad San Martin de Porras. Ano VII, n. 17, diciembre, 2007. Pág. 35.

A epígrafe do primeiro volume da pentalogia é uma citação de passagem do primeiro romance do escritor tcheco Milan Kundera, "A brincadeira": "*Tout sera oublié et rien sera réparé*". A maior preocupação de Manuel Scorza sempre foi o fundado risco de que tudo o que ocorreu viesse a ser esquecido, apagado dos registros da História. Nesse sentido, em nota introdutória a "Redoble por Rancas", o autor afirma:

> "*Más que un novelista, el autor es un testigo*".

Partindo desta premissa, é relevante a reflexão acerca dos mecanismos de memória e esquecimento em dois planos:

I) memória e esquecimento sociais — dizem respeito à própria História de uma nação, da formação de um povo, da percepção de suas lutas sociais;
II) memória e esquecimento individuais — atinentes à forma como cada indivíduo busca, por meio da reconstrução e do encobrimento, proteger-se de situações traumáticas e evitar a repetição da dor.

Dentro da perspectiva, vale investigar de que forma Scorza trabalhou com elementos (que supomos serem) reais, como depoimentos, notícias de jornal, documentos oficiais e fotografias tiradas *in loco* em sua tentativa de perpetuar a memória dos fatos ocorridos nos Andes Centrais entre as décadas de 1950 e 1960.

O uso da Literatura como instrumento na luta pela preservação da memória social não é novo. Não tivesse Victor Hugo escrito *Notre Dame de Paris,* será que hoje alguém saberia que aquele monumento símbolo da história de Paris existiu? Foi graças àquele romance que as autoridades francesas acabaram desistindo de demolir a igreja. Traço aqui um paralelo com a criação de Scorza: foi graças a *Bom dia para os defuntos* que as autoridades peruanas anistiaram Hector Chacón, personagem do romance que se achava há anos aprisionado

no meio da selva amazônica, e também promoveram uma reforma agrária na região descrita no romance.

Na condição de testemunha e de parte, Scorza não escreveu de modo puramente desinteressado, mas com o objetivo de denunciar politicamente a violência do Estado e do capitalismo internacional para com os povos originários dos Andes Centrais. Scorza era um militante político e sua literatura não esconde o engajamento.

Diante disso, até que ponto é possível falar em "memória social"? Ou, sob outra perspectiva, é possível cogitar da construção de uma narrativa histórica totalmente isenta?

Suplantada esta questão, cabe indagar acerca da memória individual, tanto do autor (testemunha) como dos personagens da trama (agentes históricos). O trauma sofrido pelas vítimas de grandes desastres ambientais e de perseguições socioambientais pode ser superado? O que dizer, no Brasil, de pessoas que sofreram agruras semelhantes àquelas enfrentadas pelos sobreviventes do massacre de Canudos, na obra *Os Sertões,* de Euclydes da Cunha? Ou pela família de Fabiano, do romance *Vidas Secas,* de Graciliano Ramos? E quanto às pessoas humildes descritas em *Bom dia para os defuntos, Garabombo o invisível, O cavaleiro insone, Cantar para Agapito Robles e A tumba do relâmpago*?

Em que passagens da obra acha-se mais claramente delineada a luta **contra o esquecimento** – que, em outras circunstâncias, pode ser equiparada à anistia, à prescrição, à decadência de um direito? E até que ponto é suportável lembrar-se de tudo, a exemplo de Funes, o conhecido personagem de Jorge Luís Borges? De que forma o ser humano reage à dor? Quais são os efeitos do apagamento de lembranças na vida individual e na vida de um povo? E de que forma posso me servir dos estudos de Psicanálise dentro do campo da Teoria Literária?

ASPECTOS JURÍDICOS E SOCIOAMBIENTAIS

A luta dos camponeses peruanos pela manutenção na posse da terra diante da iminência de esbulho possessório pela *Cerro do Pasco Corporation* era também a luta pela preservação de modelos artesanais e sustentáveis de exploração da terra.

Assim, é possível identificar ao longo da obra uma série de referências à degradação ambiental então em curso, que vêm atreladas ao processo de esbulho possessório e violência no campo.

A *Cerro de Pasco Corporation* foi uma empresa multinacional de mineração sediada nos Estados Unidos, que operava principalmente na região de Cerro de Pasco, no Peru, por décadas. Sua presença na área foi associada a diversos problemas ambientais e sociais, desde a poluição do ar e da água, o desmatamento e degradação do solo até o deslocamento de comunidades locais. A mineração realizada pela CPC resultou em sérios problemas de poluição do ar e da água na região. As atividades de mineração liberaram grandes quantidades de poluentes, incluindo metais pesados como chumbo, mercúrio e cádmio, que contaminaram rios, lagos e aquíferos locais.

A população que vivia nas proximidades dessas operações foi exposta a essas substâncias tóxicas, causando impactos à saúde. A mineração em grande escala resultou, se não em desmatamento de áreas de floresta para dar lugar às operações de mineração (já que diverso é o bioma dos altiplanos andinos), certamente em degradação do solo e envenenamento das águas. Isso implica na perda de habitat para a vida local, bem como na erosão do solo e na destruição de ecossistemas frágeis.

A expansão das operações de mineração muitas vezes resulta no deslocamento forçado de comunidades locais. Isso ocorreu em Cerro de Pasco, onde comunidades inteiras foram deslocadas de suas terras tradicionais para dar lugar às operações de mineração. Esse

deslocamento não só teve impactos socioeconômicos negativos, mas também causou tensões psicossociais significativas na região.

Após décadas de extração mineral intensiva, a CPC abandonou uma paisagem marcada pela degradação ambiental sem providenciar uma adequada restauração do ambiente, seguindo o exemplo da grande maioria de empresas de mineração no mundo.

Esses são apenas alguns dos exemplos que demonstram como a Cerro de Pasco Corporation contribuiu para a degradação ambiental no Peru. Essas questões ambientais e sociais resultantes das operações de mineração impõem a realização de estudos de direito ambiental, geografia e direitos humanos.

As drásticas consequências do **cerco**[13] são descritas em tom apocalíptico já no 2º capítulo da primeira balada: "*Sobre la universal huída de los animales de la pampa de Junín*", que mostra a reação dos animais ao processo de desalojamento e invasão do espaço tradicionalmente ocupado pelos povos originários e pelos animais.

Por esse motivo, é importante ressaltar os aspectos ecológicos constantes na obra de Scorza, inclusive dentro de uma perspectiva comparada com a literatura brasileira sobre esse tipo de exploração econômica altamente predatória.

Dentro da perspectiva ecológica, a obra apresenta evidentes relações entre o processo de exploração econômica de um território e os ciclos ecológicos e climáticos.

---

[13] Na tradução brasileira do romance "Redoble por Rancas" foi utilizada a palavra "cerca". Em Espanhol, **cerco** pode significar tanto o "Hecho de cercar para conseguir la rendición" como também "Cosa que ciñe, rodea o bordea". Ocorre que, em Espanhol, também existe a palavra **cerca,** no sentido de "Construcción a modo de tapia que se pune alrededor de un lugar para cerrarlo, protegerlo, o delimitarlo" (*Diccionario del Estudiante – Real cademia Española, 2005*). Assim sendo, no original em Espanhol o termo transmite com muito maior clareza o processo de repressão dos povos originários com vistas à sua rendição final.

Cabe destacar que a pentalogia não aborda exclusivamente a exploração minerária, mas o apossamento territorial e a formação de imensos latifúndios nas mãos do capital internacional.

Uma das mais fortes imagens desse processo de dominação e consequente degradação ambiental é a construção de uma imensa barragem que modificará irremediavelmente o fluxo das águas dos rios, causando a morte dos peixes.

Outros danos ambientais aparecem de forma mais difusa na obra, por exemplo, no comportamento dos animais. Estas questões dizem respeito diretamente à dimensão ambiental da função social da propriedade, levando em consideração o processo de apossamento e ocupação do território pelo capital, a exploração do trabalho em condições análogas à escravidão e a degradação do meio ambiente.

Sempre dentro da perspectiva ecológica, é possível vislumbrar o arcabouço histórico da ocupação da América Latina pelo europeu e, num plano mais específico, apresentar um paralelo entre o processo de exploração minerária no Peru e no Brasil.

CONCLUSÃO

Em que pese a afirmação no sentido de que seria antes uma testemunha do que um romancista, Scorza se definia como um *poeta* e, em sua obra novelística, não descuidava em um só momento do trabalho com a palavra, servindo-se em muitas passagens de complexas figuras de linguagem e de sintaxe. P. ex: "*...el atardecer exhaló un traje negro*", para referir-se à autoridade estatal mais elevada da região, o juiz de primeira instância Francisco Montenegro, que estará presente ao longo de todo o ciclo da pentalogia "La Guerra Silenciosa". Ao construir um anacoluto, transforma o sujeito (o juiz) em objeto direto e o complemento circunstancial de tempo (o entardecer) em

sujeito e, ainda, serve-se de uma metonímia, identificando o paletó escuro com a pessoa do juiz.

A análise da obra a partir da Teoria Literária permite identificar as principais influências sofridas por Manuel Scorza. Em determinadas passagens, ele evoca elementos folclóricos, aproximando a sua obra da estilística neoindigenista de José Maria Arguedas. Em outras passagens lembra o estilo de Ciro Alegría. Se, eventualmente, o autor estudado adere aos ditames dos formalistas russos, por outro não há como esconder seu objetivo de usar a literatura como meio de denúncia e transformação. Cabe aqui examinar se efetivamente há na obra de Scorza um compartilhamento com os formalistas russos de atenção à forma e à inovação literária e se esse cuidado se coaduna com passagens próximas ao realismo mágico e a uma literatura engajada politicamente em prol da justiça socioambiental.

A pentalogia aproxima-se do realismo mágico ao combinar elementos da realidade social com aspectos fantásticos. A natureza não é apenas um cenário, mas uma força ativa que interage com os personagens. A Ecocrítica examina como a descrição da natureza reflete a conexão profunda entre os camponeses e sua terra, e como a degradação ambiental impacta suas vidas.

Como os personagens interagem com seu ambiente natural? A Ecocrítica enfatiza a interdependência entre humanos e o mundo natural. Nos cinco romances, os camponeses têm uma relação simbiótica com a terra, e sua luta pela justiça é também uma luta pela preservação do ambiente natural.

Em Scorza, elementos naturais frequentemente possuem significados simbólicos. A análise ecocrítica pode revelar como esses símbolos reforçam temas de resistência, sobrevivência e identidade, desafiando a visão antropocêntrica que coloca os humanos no centro do universo. Usar esta teoria permitirá uma compreensão mais profunda de como Manuel Scorza aborda questões ambientais e a relação entre os seres humanos e a natureza. Ao adotar essa abordagem,

é de se esperar a valorização da literatura latino-americana como um meio poderoso para explorar e criticar as interações complexas entre cultura, política e meio ambiente.

Com isto, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda (ou aproximada) dos conflitos socioambientais no Peru e do potencial da literatura de ficção como uma ferramenta para a preservação da memória e a conscientização pública, a partir da promoção de um diálogo entre diferentes disciplinas acadêmicas (Literatura, Geografia, Direito, Ecologia, Política), indispensável para a análise de questões complexas e interconectadas, com vista a uma radical mudança de paradigma político e social na América Latina, de modo a promover justiça socioambiental e respeito à natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKET, Fiona & GIFFORD, Terry. Culture, Creativity and Environment: New Environmentalist Criticism. Amsterdam / New York : Rodopi, 2007

FREUD, Sigmund. Obras completes. São Paulo : Companhia das Letras (anos diversos).

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: Uma Introdução. 6ª ed. São Paulo : Martins Fontes, 2006.

FIGUEIREDO, Guilherme José Purvin de & REZENDE, Roberto A.V. de. "As demais Constituições Latino-Americanas", capítulo da obra *A Constitucionalização do Direito do Trabalho no Mercosul* / Hermelino de Oliveira Santos, coordenador. São Paulo : LTr, 1998.

FIGUEIREDO, Guilherme José Purvin de. A propriedade no Direito Ambiental. 4º ed. São Paulo : Revista dos Tribunais 2010.

FIGUEIREDO, Guilherme José Purvin de. Curso de Direito Ambiental. 6ª ed. São Paulo : Revista dos Tribunais, 2013.

GARRARD, Greg. Ecocriticism, 2nd Edition. London / New York : Routledge, 2012

HUAMANCHUMO DE LA CUBA, Ofelia. Redobles por Manuel Scorza – selección de artículos. Berlin. ASIN : B09BDNM1V7. Editora: epubli; 2º edição (18 janeiro 2021)

NOVAIS, Luís. Campesinos y mineros. Una reflexión sobre las causas de conflictividad social minera en el Perú. 1ª edición impresa: Septiembre 2019. 1ª edición Kindle: Abril 2020. Instituto de Ingenieros de Minas del Perú : Lima, 2020.

PARDO, Cecilia & COOPER, Jago. Peru: a Journey in time. London (UK) : British Museum, 2022.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2007

SCORZA, Manuel. A tumba do relâmpago, 2ª ed. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2021.

SCORZA, Manuel. Bom día para os defuntos, 3ª edição. Título do original: *Redoble por Rancas.* Tradução de Hamílcar de Garcia. Ed. Revista por Fernando Nuno Rodrigues. São Paulo : Círculo do Livro S.A., 1976

SCORZA, Manuel. Garabombo 'O Invisível', 2ª ed. Título original: Garbombo, el Invisible. Tradução de Glória Rodríguez. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1977.

SCORZA, Manuel. O cavaleiro insone. Título original: El Jinete Insomne. Tradução de Gloria Rodríguez. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1979.

SCORZA, Manuel. Obras Completas. 1ª Edición. Ediciones El Lector : Arequipa, Peru. 2020

SOLTERO, Gonzalo. *Manuel Scorza, responsabilidad y olvido.* In: Signos Literarios – Enero-Junio, 2005, p. 125

SUZUKI, Júlio César. Em busca da integração latino-americana: reflexão sobre rural, urbano, litoral, sertão, modo de vida e populações tradicionais. REVISTA USP, v. 136, p. 53-70, 2023.

2º Simpósio Virtual de Direito Ambiental do IBAP

"Um diálogo entre Brasil e Argentina"

De 10 a 12 de dezembro de 2024

Certificado

Certifico que **Guilherme José Purvin de Figueiredo** participou do **2º Simpósio Virtual de Direito Ambiental do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública**, na condição de palestrante sobre o tema **"Neo-Colonialismo na América-Latina e a falácia da Energia Limpa"**, Mesa 6 – realizada no período das 16h30 às 18h30 do dia 12 de dezembro de 2024, quinta-feira.

O simpósio foi realizado no período de 10 a 12 de dezembro de 2024, em plataforma Zoom e transmissão ao vivo pelo Canal da Revista PUB no Youtube, pelo Instituto Brasileiro de Advocacia Pública, com carga horária total de 16 (dezesseis) horas.

São Paulo, 25 de fevereiro de 2025

Leandro Ferreira Bernardo

Coordenação Técnica

Realização

IBAP INSTITUTO BRASILEIRO DE ADVOCACIA PÚBLICA

ALADA

2º Simpósio Virtual de Direito Ambiental do IBAP

"Um diálogo entre Brasil e Argentina"

De 10 a 12 de dezembro de 2024

Carga horária: 16h

PROGRAMAÇÃO:

DIA 10.12.2024

13h45 - Abertura
Dra. Ana Lúcia Câmara (Vice-Presidente do IBAP)

14 horas - Higidez da Administração Pública Ambiental
1. Eliane Poveda (IBAP - SP)
2. Guillermo Piovano (Argentina)
3. José Marcelo Costa (IBAP – RN)
4. Renata Fabiana Santos Silva (IBAP – BA)

16h30 - Responsabilidade Civil Ambiental
1. Leandro Bernardo (IBAP – PR)
2. Marcelo Kokke (IBAP – MG)
3. Juan Sebastian Lloret (Argentina)
4. Danielle de Andrade Moreira (IBAP – RJ)

DIA 11.12.2024

14h - Agrotóxicos e os desafios à proteção ambiental
1. Wanderlei Pignati (ISC-UFMT)
2. Roberta Oliveira Lima (IBAP – RJ)
3. Homero Maximo Bibiloni (Argentina)
4. Madeleine Hutyra (IBAP-SP)

16h30 - Áreas Verdes Urbanas
1. Gabriela Stortoni (Argentina)
2. Gláucia Savin (IBAP – SP)
3. Juliana Martins Torres (IBAP – SP)
4. Sheila Pitombeira (APRODAB)

DIA 12.12.2024

14h Povos Originários, Comunidades Tradicionais e Meio Ambiente
1. Pablo Gutierrez Colantuono (Argentina)
2. Frederico Rios Paula (AGU)
3. Johny Giffoni (IBAP-PA)
4. Márcia D. Leuzinger (IBAP-PR)

16h30 Meio Ambiente na América Latina
1. José Luis Said (Argentina)
2. Emanuel Fonseca Lima (IBAP-SP)
3. Regina Piccolo (IBAP-SP)
4. Guilherme Purvin (IBAP - SP)

18h30 - Encerramento.
Dr. Carlos Marés (Presidente do IBAP)

Realização

Transmissão no Canal da Revista Pub no Youtube:
https://www.youtube.com/@RevistaPUB

IBAP
INSTITUTO BRASILEIRO DE ADVOCACIA PÚBLICA

ALADA

Guilherme José Purvin de Figueiredo <guilherme.figueiredo@alumni.usp.br>

Participação como ministrante em curso de extensão

1 mensagem

apolo@usp.br <apolo@usp.br> 28 de janeiro de 2025 às 11:01
Para: guilherme.figueiredo@alumni.usp.br

Prezado Guilherme José Purvin de Figueiredo.

O senhor acaba de ser incluído como ministrante no curso de Difusão intitulado 'Literatura e Ecologia', o qual será realizado ao longo do período de 08/03/2025 à 12/04/2025.
Em caso de dúvidas, entre em contato com a Comissão de Cultura da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Cordialmente,
Suporte Técnico Módulo Cursos - Sistema Apolo

E-mail enviado automaticamente. Favor não responder a esta mensagem.

LITERATURA, ECOLOGIA E UNIVERSIDADE: NOTAS SOBRE UM PERCURSO INTERDISCIPLINAR

Guilherme José Purvin de Figueiredo [1]

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão interdisciplinar sobre as articulações entre Literatura, Ecologia e Universidade, com base na experiência docente e investigativa do autor. Parte-se da constatação de que a crise ambiental contemporânea demanda abordagens interdisciplinares e sensíveis, conforme previsto pela Lei nº 9.795/99. O estudo propõe que a literatura, para além de seu valor estético, funcione como instrumento de formação ética e perceptiva diante do colapso ecológico. A emergência da Ecocrítica e dos Estudos Literários Ambientais é discutida em diálogo com as Ciências da Mente, Geografia, Filosofia, Direito, Psicologia e Artes. Defende-se uma prática pedagógica que una técnica e sensibilidade, razão e afeto.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e Ecologia. Ecocrítica. Educação Ambiental. Interdisciplinaridade. Antropoceno.

ABSTRACT: This article offers an interdisciplinary reflection on the connections between Literature, Ecology, and the University, based on the author's teaching and research experience. It begins with the premise that the contemporary environmental crisis demands interdisciplinary and sensitive approaches, as outlined by Brazil's Law No. 9.795/99. Literature is proposed not merely as an aesthetic object, but as a tool for ethical and perceptual formation in the face of ecological collapse. The emergence of Ecocriticism and Environmental Literary Studies is explored in dialogue with the Mind Sciences, Geography, Philosophy, Law, Psychology, and the Arts. A pedagogy that unites technique and sensitivity, reason and emotion, is advocated.

[1] Pesquisador em Programa de Pós-Doutorado junto ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Escritor e Professor de Estudos Ambientais no campo do Direito e da Teoria Literária. É doutor em Direito e Mestre pela USP, graduado em Direito e em Letras. Autor de diversas obras jurídicas e literárias, dentre as quais destacam-se "Propriedade no Direito Ambiental" e "Curso de Direito Ambiental", além de cinco livros de contos. Fundador e ex-presidente do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública; fundador e ex-coordenador geral da Associação dos Professores de Direito Ambiental do Brasil. É atualmente coordenador internacional das duas associações e da Academia Latino-Americana de Direito Ambiental – ALADA.

KEYWORDS: Literature and Ecology. Ecocriticism. Environmental Education. Interdisciplinarity. Anthropocene

1. Introdução: Tudo é meio ambiente

Pensar em natureza e clima tornou-se, hoje, praticamente inevitável. O tema permeia gestos cotidianos e até expressões banais, como o cumprimento "bom dia", cuja literalidade é desestabilizada por extremos meteorológicos. O que seria, afinal, um dia bom? Um dia de sol? Mas já houve registros próximos de 60 °C na Avenida Paulista. Tampouco as tempestades aliviam: provocam inundações, quedas de energia, perda de conexão. A condição climática atual desestabiliza até os atos mais rotineiros da linguagem.

Essa inquietação, embora hoje urgente, não é nova. Quem foi adolescente em 1972 talvez se recorde da Conferência de Estocolmo — a primeira da ONU dedicada ao meio ambiente — e do papel de destaque assumido pelo Brasil, embora por meio de uma postura refratária às imposições ecológicas que se delineavam. É também dessa época a primeira popularização do termo "meio ambiente" na cultura brasileira, como atesta "Amor à Natureza", conhecida canção de Paulinho da Viola, que surpreendeu parte do público ao abordar um tema até então visto como técnico ou distante:

Cinzentas nuvens de fumaça
Umedecendo meus olhos
De aflição e de cansaço...

Em poucas décadas, esse misterioso "meio ambiente" tornou-se eixo de uma crise civilizatória que se manifesta não apenas em tratados internacionais, mas também em obras de literatura, cinema, filosofia e artes visuais. A intersecção entre esses discursos — que outrora pareciam distopias isoladas — hoje compõe uma malha convergente: *Admirável Mundo Novo*, *1984*, *The Man in the High Castle*, *O Conto da Aia* ou *Blade Runner (Androides sonham com ovelhas elétricas?)*.

Com formação na área jurídica, dediquei boa parte da minha trajetória ao ensino do Direito Ambiental. Esse trabalho me levou a interlocuções constantes com docentes de outras áreas — Saúde Pública, Serviço Social, Economia, Psicologia — cujos repertórios bibliográficos frequentemente já incluíam noções ecológicas: Psicologia Ambiental, Economia Ecológica, Saneamento Básico, Gestão de Recursos. Graças a tais interações, era possível promover um diálogo multidisciplinar sobre questões ecológicas e climáticas com profissionais das mais diversas áreas.

Algo que sempre me suscitou certo desconforto no ensino jurídico foi a ênfase excessiva em uma abordagem puramente técnica do direito positivo. O estudo descontextualizado de normas, focado exclusivamente em sua interpretação literal e aplicação formalista, sempre me pareceu insuficiente

para a formação de um profissional comprometido com os desafios contemporâneos. É precisamente essa limitação que me afastou de uma visão reducionista do Direito Ambiental — aquela que se restringe à identificação de lacunas normativas ou à busca de brechas legais, eventualmente instrumentalizáveis em favor de interesses empresariais contrários à preservação ambiental.

A minha compreensão do Direito Ambiental, ao contrário, o vincula intrinsecamente aos Direitos Humanos, mais do que a um desdobramento técnico do Direito Administrativo, como sustentam alguns autores. Não compartilho da perspectiva segundo a qual o Direito Ambiental seria um simples ramo derivado da administração pública, voltado à regulação do uso racional dos recursos naturais. Entendo-o, antes, como expressão de uma ética jurídica comprometida com a justiça socioambiental e com a proteção de bens coletivos essenciais à vida digna. Por essa razão, nos cursos de graduação em que lecionei, sempre procurei conjugar os conteúdos normativos com referências oriundas do universo literário e cinematográfico.

Entre os exemplos que utilizei com frequência, destaco o romance *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão, cuja narrativa distópica, ambientada numa São Paulo colapsada ambientalmente, possibilita aos estudantes uma visualização vívida das consequências da degradação ecológica. Também o filme *A qualquer preço* (*A Civil Action*), dirigido por Steven Zaillian em 1998, baseado em um caso real de contaminação da água por resíduos industriais, foi incorporado como recurso pedagógico para discutir a interface entre justiça ambiental, saúde coletiva e responsabilidade empresarial. Tais obras cumpriam a função de aproximar os discentes de uma realidade concreta que, muitas vezes, a linguagem impessoal da legislação ambiental não consegue expressar com suficiente densidade experiencial.

Ao longo do curso de graduação, as respostas dos alunos à leitura do romance de Ignácio de Loyola Brandão foram bastante satisfatórias. Tomo aqui, a título exemplificativo, o debate suscitado a partir deste pequeno excerto:

> "O povo dos Acampamentos foi impedido de entrar, no dia em que um prefeito decidiu: 'São Paulo precisa parar'. Então parte dessa água-mijada seria utilizada para a população dessas Zonas. O resto é reserva. O ministro das Águas declarou que nossas reservas dão para seis meses, numa emergência. No entanto meu sobrinho afirmou que estamos vendendo água ao Chile por um décimo do preço que pagamos. Para nós, o preço do barril aumenta constantemente, e sem razão"[2].

[2] BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Não verás país nenhum.* 14ª edição. São Paulo : Global Editora, 1987, p.28.

Na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), entre 1995 e 2015, registraram-se pelo menos três episódios críticos de estiagem, com impactos relevantes sobre os níveis dos reservatórios e a capacidade de fornecimento de água, especialmente pelo Sistema Cantareira, responsável por abastecer mi lhões de habitantes.

Entre 1999 e 2000, os estudantes de graduação puderam sensibilizar-se de forma mais intensa diante da estiagem prolongada que levou à redução acentuada dos volumes armazenados no Cantareira. Na época, a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) promoveu campanhas de conscientização sobre o uso racional da água, ao mesmo tempo em que realizou manobras técnicas como a redução da pressão na rede em bairros periféricos. Apesar de não ter havido racionamento formal, o abastecimento foi comprometido em diversas regiões[3].

Situação semelhante repetiu-se entre o final de 2004 e o início de 2005, quando uma nova sequência de chuvas abaixo da média voltou a afetar os sistemas produtores de água da RMSP. A Sabesp novamente adotou medidas preventivas, e alertas foram emitidos pela Agência Nacional de Águas (ANA) quanto à necessidade de reduzir a dependência do Sistema Cantareira, dado seu caráter estruturalmente frágil[4]. Naquele contexto, especialistas apontavam a urgência de diversificação das fontes de abastecimento e de investimentos na proteção dos mananciais.

Episódios configuram sinais precursores de um modelo insustentável de gestão hídrica, baseado na superexploração dos recursos e na ausência de planejamento de longo prazo[5]. Além disso, análises políticas posteriores identificaram, nesses momentos de escassez, elementos típicos de desastres sociais, com impactos desiguais sobre populações vulneráveis[6]. A culminância desse processo ocorreu na já amplamente estudada crise hídrica de 2014–2015, quando o Sistema Cantareira operou com volumes próximos de zero, obrigando a adoção do chamado “volume morto” e gerando uma série de

[3] GEOUSP – Espaço e Tempo. Crise hídrica na Região Metropolitana de São Paulo: uma análise sob a perspectiva da injustiça ambiental. *Revista GEOUSP*, São Paulo, n. 40, p. 317–339, 2016. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/103064/195321. Acesso em: 13 abr. 2025.
[4] O GLOBO. Em São Paulo, maior crise de abastecimento da história. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 out. 2014. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/em-sao-paulo-maior-crise-de-abastecimento-da-historia-13317475. Acesso em: 13 abr. 2025.

[5] AMBIENTE & SOCIEDADE. A crise hídrica de São Paulo: entre desastres e desigualdades. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 21, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/asoc/a/rqGhjC3WJ3qDgrtQPGMScLK/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 abr. 2025.

[6] CÂMARA DOS DEPUTADOS. A crise hídrica: consequências para o abastecimento de água, de energia elétrica e para a economia. Brasília: Câmara dos Deputados, 2015. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/fiquePorDentro/temas/crise-hidrica/a-crise-hidrica. Acesso em: 13 abr. 2025.

restrições e disputas políticas sobre transparência e responsabilidade. Esse evento confirmou os alertas ignorados das duas décadas anteriores e acentuou a necessidade de reestruturação urgente da política hídrica paulista.

Ademais, a partir de singela passagem do romance *(“estamos vendendo água ao Chile por um décimo do preço que pagamos. Para nós, o preço do barril aumenta constantemente, e sem razão”),* foi possível também enveredarmos pelo debate a respeito da água enquanto direito humano fundamental e enquanto mercadoria. Empresas transnacionais como a Nestlé **e a** Suez desempenharam papel significativo na comercialização da água potável na América Latina, atuando por meio da extração de aquíferos e do engarrafamento para consumo privado ou da gestão de sistemas públicos de abastecimento. No Brasil, a Nestlé comercializou marcas como Pureza Vital **e** São Lourenço até vender suas operações ao Grupo Edson Queiroz em 2018. No México, enfrentou críticas por explorar fontes hídricas em regiões com escassez. A francesa Suez**,** por sua vez, gerenciou sistemas urbanos de água em países como Argentina e Bolívia, onde sua atuação foi alvo de protestos. Em Cochabamba, a tentativa de privatização do abastecimento hídrico resultou na célebre Guerra da Água (2000), em que a população rejeitou o controle privado sobre um recurso essencial. Esses episódios evidenciam os conflitos entre a lógica de mercado e o direito humano à água, cada vez mais presente no debate ambiental e social latino-americano, tendo todo o debate surgido a partir da leitura da obra de referido escritor brasileiro.

Forçoso reconhecer, contudo, que a sensibilização dos estudantes — especialmente os do período noturno, cuja rotina laboral frequentemente antecede o espaço acadêmico — revela-se mais efetiva nos debates suscitados por obras cinematográficas que articulam narrativas jurídicas, ambientais e humanas. Entre os filmes utilizados em sala de aula, destaco *Erin Brockovich – Uma Mulher de Talento* (2000), dirigido por Steven Soderbergh, baseado no caso real de contaminação hídrica por cromo hexavalente na Califórnia, e *Dark Waters* (2019), dirigido por Todd Haynes, que retrata a batalha jurídica do advogado Robert Bilott contra a corporação DuPont, responsável por décadas de poluição com compostos perfluorados (PFOA) em comunidades dos Estados Unidos. Ambos os filmes revelam, com densidade dramatúrgica e documental, as assimetrias de poder entre populações vulnerabilizadas e grandes corporações, tornando-se instrumentos pedagógicos eficazes para discutir os limites do direito ambiental diante da lógica de acumulação e da negligência institucionalizada.

2. Educação Ambiental e Multidisciplinaridade

Podemos definir a Educação Ambiental como um processo pedagógico e crítico voltado à formação de sujeitos conscientes e engajados na transformação socioambiental. Atua em escolas, comunidades e políticas públicas, promovendo cidadania ecológica, justiça ambiental e ecopedagogia.

A **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**, instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) no Brasil. Estabelece diretrizes para a educação ambiental em todos os níveis e modalidades de ensino, além de promover ações educativas fora do contexto escolar.

A inter e multidisciplinaridade figuram entre seus princípios fundamentais, conforme expresso no Art. 4º:

> Art. 4º – São princípios básicos da educação ambiental: (...) III – o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; IV – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; V – o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter e da multidisciplinaridade; (...)

Na prática, isso significa que a educação ambiental não deve ser tratada como disciplina isolada, mas como conteúdo transversal, presente em diversas áreas do conhecimento — como geografia, biologia, história, química, literatura, entre outras. Essa abordagem permite uma compreensão mais ampla e sistêmica das questões ecológicas, formando cidadãos capazes de pensar criticamente, agir localmente e compreender globalmente a crise climática e ambiental.

Foi com base nesse entendimento que, desde os primeiros anos no magistério superior de Direito Ambiental, adotamos uma metodologia de ensino ancorada nos princípios da Lei 9.795/99, promovendo diálogo constante com outras áreas do saber: Psicologia e Serviço Social (na Universidade São Francisco); Economia e Saúde Pública (no Curso de Pós-Graduação em Direito Ambiental oferecido pelas Faculdades de Direito e de Saúde Pública da USP).

O Direito Ambiental trata da regulação jurídica voltada à proteção da natureza, ao controle de impactos, à prevenção de danos e à responsabilização de infratores. Envolve temas como licenciamento, áreas protegidas, instrumentos de comando e controle, justiça intergeracional e tutela de direitos difusos.

O Serviço Social, por sua vez, assume papel central na defesa do meio ambiente como direito social. A partir de uma perspectiva crítica, atua na interseção entre questões socioambientais e desigualdades estruturais, evidenciando como os impactos ambientais atingem desproporcionalmente as populações vulneráveis. Ao promover educação ambiental, políticas sustentáveis e mobilização social, o assistente social contribui para uma sociedade mais justa e integrada à sustentabilidade planetária.

Tanto a Medicina como a Saúde Pública enfrentam desafios cruciais ao estudar os impactos da degradação ambiental na saúde humana, incluindo poluição, contaminação química, doenças emergentes e desigualdades sanitárias, exigindo abordagens integradas como vigilância epidemiológica, toxicologia, planejamento urbano e políticas preventivas.

No âmbito das Ciências da Mente, três eixos emergem como fundamentais para compreender a relação entre subjetividade e crise ecológica: 1) Psicanálise do Antropoceno e Subjetividade Ecológica: Investiga os mecanismos inconscientes ativados pela crise ambiental - da negação à ecoansiedade, passando pela culpa e pelo narcisismo antropocêntrico. Este campo, articulando teoria psicanalítica e crítica cultural, explora como o psiquismo elabora a finitude planetária e constrói imaginários de colapso, revelando tanto as resistências quanto possíveis caminhos de elaboração simbólica da crise; 2) Psicologia Ambiental e Social: Focaliza as dinâmicas entre sujeitos e ambientes (físicos e simbólicos), analisando desde a percepção de risco climático até padrões de consumo insustentáveis. Combinando psicometria, estudos experimentais e intervenções práticas, busca compreender e transformar comportamentos, propondo estratégias para enfrentar a ecoansiedade e promover estilos de vida sustentáveis; 3) Neurociência Ecológica: Mapeia as respostas cerebrais a estímulos ambientais - dos efeitos restauradores da natureza aos impactos da poluição sensorial e do estresse climático. Através de neuroimagem e psicofisiologia, revela como o sistema nervoso processa e é afetado pelas transformações ambientais, oferecendo bases científicas para o desenho de espaços urbanos saudáveis.

A Economia Ambiental analisa a valoração de bens e serviços ecossistêmicos, a aplicação de instrumentos econômicos de regulação (como tributos verdes e créditos de carbono) e a avaliação de externalidades ambientais. Baseia-se em modelos de precificação e análise custo-benefício. Já a Economia Ecológica propõe uma crítica estrutural à racionalidade econômica dominante. Considera os limites biofísicos do planeta, questiona a viabilidade do crescimento contínuo e propõe uma reorganização sistêmica da produção e do consumo. Adota perspectivas interdisciplinares, pós-utilitaristas e normativas.

Abro aqui um parêntese para tratar de um aspecto muitas vezes negligenciado na formação dos profissionais da área ambiental, mas que representa um dos seus desafios mais recorrentes: a interpenetração entre vida pessoal e engajamento político. A esse respeito, Isabel Cristina de Moura Carvalho, ao refletir sobre o perfil do educador ambiental, observa que sua atuação é atravessada por um compromisso ético-existencial com a causa ecológica. Para a autora, o educador tende a fazer de sua própria trajetória de vida um campo contínuo de aprendizado, no qual se procura antecipar, na esfera cotidiana, os valores e práticas que orientam o projeto de uma sociedade mais sustentável. Isso implica, segundo ela, uma diluição das fronteiras entre as esferas pública e privada, pessoal e política.

Tal imbricação — que se configura como uma espécie de "sacerdócio laico" em prol da utopia ecológica — é frequentemente percebida como critério de reconhecimento e pertencimento ao campo ambiental, com todos os custos e gratificações que daí decorrem[7].

No entanto, ao propor a utilização da Literatura como instrumento de sensibilização ecológica, entendo que é necessário estender essa análise. O engajamento do educador, em minha proposta, não depende de uma prática de vida absolutamente coerente com os ideais ecológicos — o que, na sociedade contemporânea, marcada por estruturas de consumo compulsório e desigualdade socioeconômica, seria muitas vezes inviável. A formação do profissional comprometido com a pauta ambiental deve, acima de tudo, basear-se em um horizonte ético claro e em alinhamento com os princípios consagrados na Constituição Federal e nos acordos internacionais de enfrentamento da crise climática, como os promovidos pela ONU.

Nesse contexto, defendo que o cultivo de uma sensibilidade artística e cultural, orientada pela leitura crítica de narrativas literárias, cinematográficas, dramáticas ou musicais, sob a perspectiva ecológica, constitui uma condição formativa relevante. Trata-se de fomentar, entre os docentes, uma espécie de *repertório simbólico mínimo* que os habilite a articular conteúdos disciplinares à complexidade das questões ambientais. Essa sensibilidade não exige perfeição comportamental nem adesão integral a padrões de consumo idealizados, mas sim a disposição para compreender e transmitir, por meio de experiências estéticas e pedagógicas, a urgência dos desafios ecológicos que atravessam o presente.

3. Estudos Literários Ambientais

Num gesto tardio, porém formativo, há doze anos prestei vestibular para o curso de Letras. A Literatura, que sempre me acompanhara, passou a ocupar espaço formal em minha trajetória acadêmica. A escolha pelo Direito, décadas antes, fora motivada por razões pragmáticas; a opção por Letras, agora, respondia a um desejo de aprofundamento e escuta. Em sala de aula, assumi o papel ambíguo do aluno veterano — aquele que insiste em aproximar a leitura literária de outras esferas da experiência vivida.

Foi nesse contexto que as primeiras reflexões ecológicas no campo da Literatura tomaram uma forma mais clara. Sempre que possível, os trabalhos escolares procuravam relacionar as obras sugeridas às questões ambientais. *Tess*, de Thomas Hardy, tornou-se uma referência para pensar a degradação da mulher e da paisagem. *O Barão nas Árvores*, de Italo Calvino, já anunciava, em sua

[7] CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Sujeito Ecológico: a dimensão subjetiva da ecologia. São Paulo : Cortez, 5ª ed., 2010.

abertura, a perda das florestas europeias. A poesia de Cabo Verde, indicada para estudo, provocava associações entre o solo árido da ilha e a exuberância do continente africano — dualidade sensível à lógica do extrativismo.

Doze anos se passaram desde o início da nova trilha de um professor de Direito Ambiental no âmbito da Teoria Literária. A Ecocrítica já circula por diversos departamentos da FFLCH, inclusive em áreas inicialmente inesperadas. Foi em diálogo com docentes do Departamento de Letras Orientais que conheci *"Adeus a Matiora" (1976), de Valentin Rasputin*, romance que retrata o destino da aldeia Matiora, condenada a desaparecer pela construção de uma hidrelétrica. Rasputin explora o conflito entre progresso e tradição numa obra-prima da literatura russa que questiona o preço do desenvolvimento e celebra a resistência da memória coletiva, colocando em debate a figura dos "atingidos por barragens".

Como, porém, no âmbito do ensino de graduação[8] de todas essas áreas do conhecimento, promover a sensibilização ecológica dos estudantes? Aqui, mais uma vez, aposto no poder da Literatura.

Observa-se uma tendência inovadora em faculdades de Medicina que incorporam a Literatura como ferramenta de formação humanística, utilizando obras como *A Morte de Ivan Ilitch* de Tolstói para explorar a experiência subjetiva da doença. Este clássico, ao retratar a jornada de um homem diante da morte terminal, oferece aos estudantes *insights* profundos sobre o sofrimento físico e emocional dos pacientes, enfatizando a necessidade de empatia e cuidado integral. Tal abordagem literária complementa a formação técnica, preparando os profissionais para lidar com as complexidades da prática médica num contexto de crescentes desafios ambientais e sociais, onde a compreensão das dimensões humanas da saúde se torna tão essencial quanto o conhecimento científico. A convergência entre estudos ambientais, prática clínica e humanidades aponta para um modelo de medicina mais holístico e sensível às necessidades dos pacientes e do planeta.

A conexão entre psicanálise e literatura remonta ao próprio Freud, que mantinha intenso diálogo com as obras de escritores como Shakespeare, Goethe e Arthur Schnitzler. No ensaio *O poeta e a fantasia* (1908), Freud afirma que os escritores captam com intuição aquilo que o psicanalista descobre com método: "Os poetas e os escritores estão sempre um passo à frente de nós homens da ciência, pois eles conhecem, por intuição, aquilo que nós apenas descobrimos por meio da investigação."

Este intercâmbio revela-se profícuo: se a psicanálise oferece ferramentas para decifrar os processos psíquicos, a literatura - através de suas narrativas complexas - proporciona um campo

[8] Trato aqui genericamente de cursos de graduação, não obstante algumas das áreas, como a da Psicanálise, não se enquadrem nessa perspectiva.

privilegiado para explorar as dimensões inconscientes da experiência humana. Na era do Antropoceno, esta aliança torna-se ainda mais relevante, pois a ficção pode antecipar e elaborar simbolicamente os traumas ecológicos, funcionando tanto como diagnóstico cultural quanto como espaço de cura imaginativa. Obras literárias que abordam catástrofes ambientais ou a relação homem-natureza oferecem, assim, material valioso para refletir sobre os desafios psíquicos de nosso tempo.

Nos últimos doze anos, venho desenvolvendo estudos e pesquisas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em particular nos departamentos de Letras e de Geografia. Foi por volta de 2020 que o termo *Ecocrítica* passou a circular com maior frequência nos espaços da universidade, quase sempre como sinônimo de leitura dos aspectos ecológicos de uma obra literária. Desde já ressalto que a importação desse termo de origem norte-americana não deve ser feita sem que tenhamos consciência de que ele é tão somente uma corrente crítica específica. Isso significa que o interesse pelas relações entre literatura e natureza é bem anterior ao advento dos estudos de Ecocrítica: desde os anos 1990, o legado de autores como Raymond Williams e Fredric Jameson já influenciava parte da reflexão crítica em teoria literária. Um termo próprio, porém, ainda não havia sido sistematizado ou incorporado como objeto específico de disciplinas, como é o caso dos Estudos Culturais.

Nesta nova fase de minhas pesquisas, o foco passou a ser a implementação de investigações voltadas à interface entre Literatura, Ecologia e Geografia, com destaque para as conexões entre texto literário, território e representação ambiental.

Os Estudos Culturais, inaugurados pela Escola de Birmingham com Richard Hoggart (*The Uses of Literacy*, 1957) e Raymond Williams (*Cultura e Sociedade*, 1958), exploram a cultura como campo de poder e resistência. Stuart Hall, figura central, ampliou o debate com teorias sobre identidade, raça e mídia (*Encoding/Decoding*, 1973), enquanto E.P. Thompson (*The Making of the English Working Class*, 1963) vinculou cultura à história social. Na fase global, Homi Bhabha (*The Location of Culture*, 1994) e Paul Gilroy (*The Black Atlantic*, 1993) abordaram hibridismo e diáspora. Néstor García Canclini (*Culturas Híbridas*, 1990) e Arjun Appadurai (*Modernity at Large*, 1996) analisaram globalização, enquanto Henry Jenkins (*Convergence Culture*, 2006) e Sara Ahmed (*The Cultural Politics of Emotion*, 2004) avançaram para mídia digital e afetos. O campo mantém seu caráter interdisciplinar, criticando estruturas de desigualdade e reinterpretando práticas culturais em contextos locais e globais.

Se Raymond Williams explorou cultura como "estrutura de sentimento", tornando-se um dos mais destacados nomes no campo dos Estudos Culturais, há outros autores que tratam a *natureza* como *constructo cultural* e campo de disputa política, muitas vezes ligando justiça ambiental a questões de classe, raça e gênero. Dentre eles destacam-se Greg Garrard e Lawrence Buell, referências obrigatórias

no campo da Ecocrítica; Donna Haraway, autora de *Manifesto Cyborg* (1985) e *Stay with the Trouble* (2016), obras que abordam natureza, tecnologia e pós-humanismo; Bruno Latour, recentemente falecido, autor de *Políticas da Natureza* (1999), onde une antropologia e ecologia, criticando a separação natureza/cultura; Val Plumwood, ecofeminista, autora de *Environmental Culture* (2002), onde destaca a ligação entre opressão da natureza e de gênero; Timothy Morton, criador do conceito de "ecologia escura"; Rob Nixon, autor de *Slow Violence* (2011), sobre impactos invisíveis da degradação ambiental em comunidades pobres; e Anna Tsing, autora de *The Mushroom at the End of the World* (2015), onde estuda ecologia em cenários pós-capitalistas.

Todas as pesquisas destes autores podem ser enfeixadas sob a rubrica de Estudos Ambientais. E, se quisermos ser mais específicos, poderemos adotar o termo *Estudos Literários Ambientais* para designar o conjunto de análises que exploram as representações da relação entre seres humanos e ambiente no discurso literário. Essa categoria abrange desde reflexões fundacionais, como as de *O Campo e a Cidade*, até investigações contemporâneas sobre imaginários ecológicos, colapso climático e subjetividade ambiental.

Isto porque a chamada "Ecocrítica", embora amplamente referida nos últimos anos, constitui apenas uma vertente possível dentro desse campo. Estruturada no contexto acadêmico dos Estados Unidos e Reino Unido, a ela investiga como textos literários representam o mundo natural, a degradação ambiental, os conflitos ecológicos e os afetos gerados pela crise planetária. Utiliza instrumentos da crítica literária, hermenêutica, teoria cultural e abordagem interdisciplinar.

Contudo, há outras formas legítimas de abordar a questão ecológica na literatura. No Brasil, a linha de pesquisa *Literatura e Sociedade*, criada por Antonio Cândido, já incorpora, sem necessidade de grandes ajustes metodológicos, uma dimensão ambiental. Como ele destaca desde as primeiras linhas de sua obra homônima, que, depois de uma época em que "o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura do século passado chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão", afirma que hoje "estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, depois de termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem"[9]. De fato, Antonio Cândido, assevera que "nada impede que cada crítico ressalte o elemento de sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra"[10]. Assim, no campo dos Estudos Literários Ambientais, os elementos poderiam o homem e o ambiente que o cerca – não necessariamente a poluição ou qualquer outra tragédia

[9] CÂNDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 8ª Ed. São Paulo : T.A. Queiroz, 2000 : Publifolha, 2000. P. 5.
[10] Idem, p. 9.

ambiental do Antropoceno, mas tudo o que disser a esta relação que achava-se por séculos ofuscada pelos aspectos puramente estéticos, psicológicos ou sociais.

Há ainda dezenas de outras possibilidades. É possível construir abordagens a partir de perspectivas como a Ecologia Decolonial, o Ecofeminismo, o Ecossocialismo (como em Michel Löwy, Kohei Saito e John Bellamy Foster). Ou, ainda, a Teoria Literária Anarquista de Jesse Cohn articula literatura e ecologia sob uma perspectiva libertária, influenciada por Murray Bookchin. Para Cohn, a crise ambiental decorre de relações sociais autoritárias, e a literatura pode revelar formas alternativas de organização não opressiva. Em *Anarchism and the Crisis of Representation* (2006), analisa textos que subvertem o antropocentrismo e enfatizam a interdependência ecológica. Destaca autores como Ursula K. Le Guin e Henry David Thoreau, cuja obra, segundo ele, proporia uma ética de simplicidade e harmonia, unindo crítica social e imaginação ecologicamente emancipadora[11].

Com isto, quero tão somente ressaltar que, embora a Ecocrítica tenha inegável relevância, ela não esgota as possibilidades dos Estudos Literários Ambientais. Sua adoção acrítica, especialmente em contextos latino-americanos, pode ser problemática se nosso objetivo for a construção de uma crítica ecoliterária não colonizada, enraizada em experiências e epistemologias brasileiras.

Paralelamente aos Estudos Literários Ambientais, desenvolve-se o campo da Estética Ambiental / Arte Ecológica, que investiga como as artes visuais, performáticas e espaciais expressam, criticam ou elaboram poeticamente as relações entre humanos e natureza. Atua na sensibilização crítica, na representação simbólica do colapso e na construção de afetos ecológicos. Inclui práticas como instalações, *land art*, cinema ecológico e performances ambientais. Destacam-se, nesse contexto, os estudos de Andrew Patrizio sobre o território comum entre história da arte e cuidado planetário.

No âmbito da Geografia— ambiental, agrária, humana, política, física —, a crise ecológica adquire abrangência multidisciplinar, conforme preconizado pela Lei 9.795/99. A Geografia permite abordar o território como produto da interação sociedade-natureza; os sistemas naturais e suas dinâmicas; os conflitos espaciais e a produção do espaço; além das articulações críticas entre meio ambiente e organização social. Por essas razões, pareceu-nos ser o ambiente ideal para o desenvolvimento de uma linha de pesquisa sobre Ecologia e Literatura, inserida em um espectro mais amplo de investigações sobre Geografia, Literatura e Arte.

O quadro abaixo reúne alguns campos disciplinares que integram os Estudos Ambientais, com definições concisas, foco temático, métodos típicos e exemplos de aplicação.

Vertente	Disciplinas envolvidas	Objeto de estudo	Métodos utilizados	Exemplos de subcampos

[11] COHN, Jesse. Anarchism and the Crisis of Representation. Selinsgrove: Susquehanna University Press, 2006.

Ciências Naturais e da Terra	Biologia, Ecologia, Geologia, Climatologia, Oceanografia, Geografia Física	Ecossistemas, biodiversidade, ciclos biogeoquímicos, clima, solos, água, poluição, riscos naturais	Observação empírica, modelagem, análises geoquímicas, sensoriamento remoto, monitoramento ambiental	Geociências ambientais, pedologia, hidrogeologia, ciência do clima, erosão, desastres naturais
Engenharias e Tecnociência Ambiental	Engenharia Ambiental, Engenharia Química, Engenharia Civil, Engenharia Florestal, Agronomia, Ciência dos Materiais	Tecnologias de remediação, saneamento, resíduos, emissões, monitoramento, bioenergia	Tratamentos físico-químicos, biorremediação, análises laboratoriais, desenho de sistemas, simulação computacional	Biorremediação, tratamento de efluentes, engenharia de resíduos, energias renováveis, agricultura sustentável
Ciências Sociais e Jurídico-Políticas	Sociologia, Antropologia, Economia (incluindo Economia Ambiental e Economia Ecológica), Ciência Política, Direito, Geografia Humana e Ambiental	Conflitos socioambientais, políticas públicas, governança, justiça ambiental, desigualdades territoriais	Análise institucional, entrevistas, estatística, modelagem econômica, cartografia crítica	Justiça climática, regulação ambiental, mercados de carbono, direito ambiental, instrumentos econômicos
Saúde e Meio Ambiente	Medicina Ambiental, Saúde Pública, Epidemiologia, Toxicologia, Ciências Farmacêuticas	Relações entre ambiente e saúde humana, contaminação, doenças emergentes, desigualdades sanitárias	Vigilância epidemiológica, bioestatística, ensaios toxicológicos, estudos de caso clínico e ambiental	Doenças ambientais, intoxicações por agrotóxicos e metais, saúde urbana, poluição atmosférica
Humanidades e Artes	Literatura, Filosofia, História, Estética, Artes Visuais, Música	Representações, valores, ética, memória ambiental, paisagem simbólica, percepção estética do colapso	Hermenêutica, crítica cultural, análise textual e visual, história das ideias	Ecocrítica, estética do colapso, história ambiental, arte ecológica, filosofia da natureza
Ciências Psicológicas e Subjetivas	Psicologia, Psicanálise, Neurociência, Psicologia Ambiental e Social	Afetos, percepções, subjetividade ecológica, negação, ecoansiedade, mudança de comportamento	Psicometria, observação clínica, estudos experimentais, teorias da personalidade e do inconsciente	Psicanálise do Antropoceno, ecoansiedade, dissonância cognitiva ecológica, psicologia do consumo

4. Literatura e Ecologia: uma experiência pedagógica no âmbito da Universidade de São Paulo

No período de 8 de março a 12 de abril de 2025, lançamos, no âmbito do Programa Apolo da USP, o curso *Literatura e Ecologia*[12]. Com carga horária de 18 horas, distribuídas ao longo de seis sábados, a proposta foi voltada a um público ampliado, selecionado por sorteio entre mais de 700 inscritos. O interesse pelo tema foi, desde o início, surpreendente. A heterogeneidade do grupo — composto por jovens pesquisadores, docentes da rede pública, estudantes de graduação e profissionais de diversas áreas — favoreceu um debate intergeracional e interdisciplinar.

O principal objetivo do curso foi de incentivar nos alunos uma leitura das obras de Literatura a partir do enfoque ecológico e climático. Esta perspectiva contribuirá para a sensibilização individual e coletiva para importante questão que merece pelo menos ombrear outros enfoques igualmente relevantes, como as perspectivas de gênero, raça e descolonialidade. Além da possibilidade de aperfeiçoamento individual, pretende-se que o curso seja proveitoso também para que professores (de

[12] O curso, com um total de 18 horas-aula, contou ainda com a participação dos professores Júlio César Suzuki (DG-FFLCH-USP, supervisor de minha pesquisa de pós-doutoramento), Jean-Marie Lassus (Université de Poitiers) e Adriana Iozzi Klein (DLM-FFLCH-USP).

ensino fundamental e médio; de Geografia; de Direito Ambiental; de Economia Ambiental; de Psicologia Ambiental; de Serviço Social; de Educação Ambiental etc) passem a utilizar exemplos extraídos da melhor Literatura em suas aulas, com o que se espera que os seus estudantes adquiram maior sensibilidade sobre os temas técnicos tratados em suas áreas de estudo.

Esse curso resultou de um projeto de pós-doutorado atualmente em desenvolvimento junto ao Departamento de Geografia da USP [13]. A escolha pela Geografia não foi casual: foi nessa área que encontrei um ambiente epistemológico mais permeável às articulações entre ciência, estética e política. Conceitos como "porosidade disciplinar" (Levi R. Bryant), "as três ecologias" (Felix Guattari) e "ecologia da mente" (Gregory Bateson) são debatidos com familiaridade no campo da Geografia Agrária e Urbana. Além disso, o professor que acolheu a proposta, Júlio César Suzuki, tem reconhecida atuação no diálogo entre literatura e espaço, coordenando a *Revista de Geografia, Literatura e Arte* da USP.

A novidade, portanto, não reside na existência da Ecocrítica como objeto de estudo, mas no fato de a USP oferecer, pela primeira vez, um curso com esse foco de forma institucionalizada. Estudar *O Campo e a Cidade*, de Raymond Williams, permanece ponto de partida fundamental, mas o curso busca ampliar esse escopo, inserindo a crítica literária no contexto da crise ecológica, da política global e da descolonização do sensível.

O curso, concebido com carga horária inicial de 18 horas-aula, foi realizado em seis encontros aos sábados, a partir de 8 de março de 2025, e tomou por eixo estruturante as múltiplas intersecções entre literatura e ecologia, privilegiando uma abordagem trans-histórica e transnacional. Propôs-se uma leitura crítica das representações da natureza em distintos momentos da história literária, a partir de Homero, passando por Camões e Shakespeare, com ênfase nas rupturas advindas da Revolução Industrial, no Romantismo inglês e na constituição do pensamento ecológico moderno. Debateram-se, ainda, as formas de degradação ambiental próprias da sociedade de massas, as contribuições do marxismo à crítica ecológica, o surgimento dos movimentos ambientalistas e sua repercussão nos discursos poéticos e narrativos da tradição brasileira. Examinaram-se também os vínculos entre urbanismo, ecologia e imaginação literária, com destaque para o livro "O Turista Aprendiz", de Mário de Andrade, a obra de Italo Calvino, bem como as funções simbólicas da natureza na epopeia andina de Manuel Scorza.

[13] A pesquisa se dá no campo da Literatura Andina e da Mineração, com foco nos romances do escritor peruano Manuel Scorza.

O curso, gratuito, contou com quase setecentas inscrições para o preenchimento de cem vagas por sorteio, das quais foram confirmados 82 nomes. O número médio de presença foi de 74%, o que praticamente coincide com o número de presenças exigidas (75%).

Ao final do curso, foi apresentado um questionário para levantamento de dados qualitativos e *feedback* dos alunos. A maioria (42%) é da área das Letras. A segunda área mais frequente é do Direito (17%) e da Pedagogia (13%). Em seguida, com aproximadamente 4% cada uma delas, vêm as áreas de História. Artes Visuais, Jornalismo, Geografia, Psicologia e Biologia. A média de idade (excluindo quem não informou) é de 47,35 anos. A porcentagem de mulheres é de 83,33% e de homens, 16,67%.

Transcrevo passagens de alguns depoimentos, a título ilustrativo:

> "O curso ampliou de forma significativa minha percepção sobre as urgências ambientais. Passei a enxergar a crise climática, a perda da biodiversidade e a luta por justiça ambiental não apenas como temas científicos ou políticos, mas como questões éticas que a literatura pode (e deve) abordar com profundidade. O diálogo entre Literatura e outras áreas foi um dos pontos altos do curso. Conectar textos literários com debates do Direito, da Geografia e da Filosofia ampliou muito a minha visão de mundo e fortaleceu o entendimento de que o saber não deve ser compartimentado" (Fernanda Aparecida dos Santos).
>
> "Com a perspectiva ecocrítica, passei a considerar melhor os papéis da natureza nessas obras, e como nenhum detalhe é descrito por acaso pelos autores. Pretendo aplicar os conhecimentos que adquiri no curso fazendo leituras melhores, mais atentas, das obras que trabalhar quando retomar o trabalho em sala de aula. O curso contribuiu muito para me fazer refletir melhor sobre as questões ambientais. Ele me lembrou muito dos objetivos da Agenda 2030" (Kátia Vitória Santos Coelho).
>
> "Não considerava aspectos ecológicos. Meu olhar tinha maior propensão a aspectos literários, sociológicos, históricos, filosóficos e psicológicos. A perspectiva ecocrítica apresentada nos cursos me forneceu uma bagagem teórica e metodológica à compreensão de como as obras literárias se relacionam com a compreensão ecológica do mundo em seus respectivos tempos históricos. O curso contribuiu para que minha percepção ecológica saísse da esfera meramente biológica e se expandisse interdisciplinarmente, percebendo suas influências, principalmente, mas não só, nas produções literárias. Percebi a magnitude do debate ecológico percorrido pelo mundo. Gostaria que houvesse ênfase no debate ecocrítico propriamente brasileiro, aprofundando-se nos nuances de nossa realidade e na relação do brasileiro com a natureza" (Gustavo Basso de Souza).
>
> "O curso ampliou meu conhecimento sobre questões ambientais contemporâneas, pois minha visão era limitada às concepções veiculadas socialmente, mas uma vez no curso, necessitei ater-me um pouco mais nestes conceitos, especialmente sobre justiça ambiental e ecomarxismo, pois eram temas que eu conhecia muito superficialmente e prejudicavam a minha compreensão integral das propostas. Também vi grande relevância na preocupação, legítima, de observar a representação das vozes femininas, o amplo conhecimento ofertado sobre as obras constituídas pelos povos originários ou pelas lutas sul-americanas, mas senti falta de obras escritas por mulheres" (Kelen Cristina dos Santos Chacon).
>
> "A perspectiva ecocrítica transformou totalmente – pessoa e leitora de contexto urbano, que cresceu numa cidade de ordem semi-rural na década de 1970, eu achava que a natureza era pano de fundo ou cenário de quase tudo o que eu lia. Nesse sentido, o curso me fez compreender a história da cultura em sua representação da natureza e as mudanças de perspectiva ao longo do tempo. Eu procurei pelo curso exatamente porque questões como as da crise climática, dos refugiados do clima e a perda da biodiversidade me interessavam na minha vida profissional como escritora e editora de livros para crianças. Entendo pouquíssimo de justiça ambiental, mas gostaria de estudar mais" (Susana Ramos Ventura).

Em virtude da limitação temporal, não foi possível desenvolver diversos temas previstos, entre os quais: a representação das epidemias na literatura ocidental (em autores como Boccaccio, Defoe, Camus e Thomas Mann); as articulações entre teatro e ecologia (notadamente em Ibsen e Tchekhov);

a crítica latino-americana ao extrativismo em *Veias Abertas da América Latina* e em autores como José Maria Arguedas, Ciro Alegria, César Vallejo e Jorge Icaza, dentre outros; a ficção ecológica de autoras como Svetlana Aleksievitch e Olga Tokarczuk; as distopias do Norte global; a produção ecoliterária portuguesa contemporânea (com ênfase em Ferreira de Castro e Lídia Jorge); a literatura indígena brasileira contemporânea (Davi Kopenawa, Olívio Jekupé, Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Daniel Munduruku e outros); a carta de Caminha como gênese do olhar colonial sobre a paisagem; e a literatura do trabalho e do ambiente laboral em autores como Karel Čapek, Pagu, Émile Zola e Roniwalter Jatobá.

Ainda que de caráter panorâmico, o curso demonstrou que a fruição coletiva dos excertos literários selecionados engendra, por parte dos participantes, um envolvimento crítico e afetivo com as questões abordadas. Tal engajamento evidencia que a própria formação dos profissionais implicados nessa metodologia de conscientização ambiental demanda abertura à experiência estética e disposição à escuta ativa. O processo de aprendizagem, nesse contexto, transcende a mera transmissão de conteúdo, pois o discente se converte, progressivamente, em sujeito produtor de seu próprio saber ecológico, ativando, pela via da literatura, formas sensíveis de compreensão do mundo e de pertencimento ético ao planeta.

A experiência pedagógica, nesse sentido, revelou que, para uma abordagem minimamente adequada da complexidade temática proposta, impõe-se a ampliação da carga horária para 30 ou mais horas-aula e a reformulação do curso no formato de aperfeiçoamento, superando, assim, os limites operacionais próprios da modalidade de difusão. O objetivo é aprofundar o debate e propor uma transição: da sistematização teórica à dimensão ética e prática da crítica cultural. Trata-se, em última instância, de pensar a literatura como lugar de mediação simbólica entre o colapso e a possibilidade.
A questão, hoje, já não é apenas identificar obras que tematizem o aquecimento global, a desertificação ou o envenenamento dos alimentos. É reconhecer que a crise ecológica atravessa modos de vida, afetos, estruturas narrativas e ritmos poéticos. Falar de ecologia, nesse contexto, é falar também de nós — de nossos silêncios, hábitos e formas de percepção. A literatura pode ajudar a ver. O passo seguinte é perguntar: e agora que vemos, o que fazemos? Essa é, talvez, a questão mais urgente.

5. Conclusão

Como se pôde observar, há não apenas legitimidade, mas um comando legal explícito para a inserção transversal da temática ambiental em todos os campos do saber — da Biologia à Informática, da Psicologia ao Direito, da Geografia à Física Nuclear. Trata-se da Lei nº 9.795/99, que estabelece, entre seus princípios, a inter e a multidisciplinaridade como fundamentos da educação ambiental em todos os níveis de ensino.

Mas, para além da exigência normativa, há uma dimensão subjetiva e ética que não pode ser desconsiderada. É o que propõe Félix Guattari ao formular o conceito das três ecologias — ambiental, social e mental. Ter domínio técnico sobre biorremediação de solos não torna, por si só, um engenheiro sensível à causa ambiental. Tampouco um doutorado em Direito Ambiental garante compromisso efetivo com a vida e a saúde do planeta. A transformação profunda requer mais do que conhecimento: exige elaboração simbólica, relação afetiva e reconfiguração perceptiva.

É nesse ponto que as Artes, e particularmente a Literatura, podem exercer papel decisivo na formação espiritual do ser humano. O estudo de Literatura e Ecologia não se limita ao campo das Letras, nem se restringe à análise textual. Ele propõe uma abertura de sensibilidade, uma educação do olhar, uma ampliação da escuta — capazes de reorientar a forma como percebemos e habitamos o mundo.

Por isso, cresce o número de interessados nessa área: biólogos, engenheiros, advogados, professores, recém-formados e aposentados, homens e mulheres em busca de algo menos árido, menos tecnicista. Se a literatura já ocupa espaço em cursos de Medicina, se já existem obras sobre Direito e Literatura, é possível afirmar que, lida sob a chave contemporânea do Antropoceno, ela pode tornar-se uma potente ferramenta para ecologizar nossas mentes — despertando uma consciência capaz de articular ciência, sensibilidade e ação.

7. Bibliografia

- **AHMED, Sara.** *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.
- **APPADURAI, Arjun.** *Modernity at Large*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- **BRANDÃO, Ignácio de Loyola.** *Não Verás País Nenhum*. São Paulo: Global, 1987.
- **BRYANT, Levi R.** *The Democracy of Objects*. Open Humanities Press, 2011.
- **BUELL, Lawrence.** *The Environmental Imagination*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- **CANCLINI, Néstor García.** *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- **CÂNDIDO, Antônio.** *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz : Publifolha, 2000.
- **COHN, Jesse.** *Anarchism and the Crisis of Representation*. Selinsgrove: Susquehanna University Press, 2006.
- **GARRARD, Greg.** *Ecocriticism*. London: Routledge, 2004.
- **GILROY, Paul.** *The Black Atlantic*. London: Verso, 1993.
- **GUATTARI, Felix.** *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- **HALL, Stuart.** *Encoding/Decoding*. In: *Culture, Media, Language*. London: Routledge, 1980.
- **HARAWAY, Donna.** *Manifesto Cyborg* (1985); *Staying with the Trouble* (2016).
- **HOGGART, Richard.** *The Uses of Literacy*. London: Chatto & Windus, 1957.
- **JAMESON, Fredric.** *Archeologies of the future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. London / New York : Verso, 2005.
- **JENKINS, Henry.** *Convergence Culture*. New York: NYU Press, 2006.

- **LATOUR, Bruno.** *Políticas da Natureza*. São Paulo: Edusp, 2004.
- **LE GUIN, Ursula K.** *Os Despossuídos*. Diversas edições.
- **LÖWY, Michel.** *Ecossocialismo: uma alternativa radical à catástrofe ecológica capitalista*. São Paulo: Cortez, 2020.
- **MORTON, Timothy.** *Ecology without Nature*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.
- **NIXON, Rob.** *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.
- **PATRIZIO, Andrew.** *The Ecological Eye: Assembling an Ecocritical Art History*. Manchester: Manchester University Press, 2019.
- **PLUMWOOD, Val.** *Environmental Culture: The Ecological Crisis of Reason*. London: Routledge, 2002.
- **RASPUTIN, Valentin.** *Прощание с Матёрой: повести* [Adeus a Matióra: novelas]. São Petersburgo: Azbuka, Azbuka-Atticus, 2017. 608 p. (Азбука-классика). ISBN 978-5-389-08849-8.
- **SAITO, Kohei.** *Capital in the Anthropocene*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.
- **THOMPSON, E.P.** *The Making of the English Working Class*. London: Victor Gollancz, 1963.
- **THOREAU, Henry David.** *Walden*. Camelot Editora, 2024.
- **TSING, Anna.** *The Mushroom at the End of the World*. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- **VIOLA, Paulinho da.** "Amor à Natureza" (Álbum "Paulinho da Viola" – Odeon, 1975).
- **WILLIAMS, Raymond.** *O Campo e a Cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- **ZAILLIAN, Steven (dir.).** *A Civil Action* [filme]. Touchstone Pictures, 1998.

COP 30: CLIMA, DIREITO e MERCADO EM CONFLITO

23º Congresso do Magistério Superior de Direito Ambiental - APRODAB

29º Congresso Brasileiro de Advocacia Pública – IBAP

1º Congresso Internacional da Academia Latino-americana de Direito Ambiental – ALADA

18ª Semana Internacional de Meio Ambiente - UNIFOR

Caro Professor **GUILHERME PURVIN,**

É com grande satisfação que o convidamos a participar do 23º Congresso do Magistério Superior de Direito Ambiental, do 29º Congresso Brasileiro de Advocacia Pública, o 1º Congresso Internacional da Academia Latino-americana de Direito Ambiental e a 18ª Semana Internacional de Meio Ambiente da Universidade de Fortaleza, eventos que serão realizados no período de 20 a 23 de maio sob a orientação da temática COP 30: Clima, Direito e Mercado em Conflito.

Os congressos acontecerão na Universidade de Fortaleza – UNIFOR, localizada na Av, Washisngton Soares, 1321, bairro Edson Queiroz, Fortaleza, Ceará, que acolheu o desafio de, juntamente com as demais entidades associativas patrocinadoras, inaugurar os debates em torno dos temas orientadores das discussões que mobilizam a realização da COP 30, em novembro deste ano, na cidade de Belém do Pará.

Será, pois, uma grande honra tê-la no **Painel 8**, **com abordagem sobre Direito, arte e literatura no antropoceno**, no dia 22 de maio, **com início às 17h00,** Auditório da Biblioteca na UNIFOR, juntamente com as colegas Elizabeth Lino Cornejo, Lia Leite e Sheila Pitombeira.

Assim, com vistas a ultimar os prepativos dos eventos, solicitamos a gentileza de enviar uma foto sua e informações sobre como gostaria de ser apresentado no cartaz de divulgação dos Congressos, bem como nas redes sociais das entidades patrocinadoras, para o e-mail comissaoorganizadora.aprodaibap@gmail.com De igual modo, solicitamos autorização para

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE DIREITO AMBIENTAL DO BRASIL
Rua Antônio Carlos, 582, Conj. 08-A,
CEP 01309-010, São Paulo/SP
Fone: (11) 3112-8259
e-mail: aprodabdiretoria@gmail.com

publicação de sua imagem nos sítios eletrônicos de divulgação dos Congressos, inclusive após o encerramento dos eventos, quando da disponibilização das palestras gravadas para acesso dos associados e demais estudiosos interessados, observando-se, naturalmente, as regras da Lei Geral de Proteçaõ de Dados Pessoais - LGPD.

Por fim, informamos que, caso tenha interesse em participar do **livro dos Congressos**, com previsão de lançamento durante a realização dos eventos, poderá enviar o artigo para o email retro indicado **até o dia 20 de abril,** de modo a viabilizar a publicação durante os congressos.

Na expectativa e alegria de contarmos com sua participação e disponibilidade antecipamos sinceros agradecimentos.

Um grande abraço,

Fortaleza-Ce., 30 de março de 2025.

SHEILA CAVALCANTE PITOMBEIRA:11590815300

Assinado digitalmente por SHEILA CAVALCANTE PITOMBEIRA:11590815300
Data: 2025.04.07 23:38:56 -0300

Sheila Cavalcante Pitombeira

Coordenadora-Geral da APRODAB

Carlos Frederico Marés de Souza Filho

Presidente do IBAP

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE DIREITO AMBIENTAL DO BRASIL
Rua Antônio Carlos, 582, Conj. 08-A,
CEP 01309-010, São Paulo/SP
Fone: (11) 3112-8259
e-mail: aprodabdiretoria@gmail.com

COP 30: CLIMA, DIREITO e MERCADO EM CONFLITO

23º Congresso do Magistério Superior de Direito Ambiental - APRODAB

29º Congresso Brasileiro de Advocacia Pública – IBAP

1º Congresso Internacional da Academia Latino-americana de Direito Ambiental – ALADA

18ª Semana Internacional de Meio Ambiente - UNIFOR

AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu,_____

_____,

AUTORIZO, em face de minha participação no **23º Congresso da ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE DIREITO AMBIENTAL DO BRASIL – APRODAB, 29º Congresso BRASILEIRO DA ADVOCACIA PÚBLICA – IBAP, 1º Congresso INTERNACIONAL DA ACADEMIA LATINO-AMERICANA DE DIREITO AMBIENTAL – ALADA e 18ª SEMANA INTERNACIONAL DE MEIO AMBIENTE – UNIFOR** o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos alusivos ao mencionado Congresso da APRODAB**,** para ser utilizada no sítio eletrônico da Associação e entidades patrocinadoras. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e exterior, das seguintes formas: (I) *home page*; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros.

Fortaleza-Ce._____, dia ____ de _____ de 2025.

_____

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE DIREITO AMBIENTAL DO BRASIL
Rua Antônio Carlos, 582, Conj. 08-A,
CEP 01309-010, São Paulo/SP
Fone: (11) 3112-8259
e-mail: aprodabdiretoria@gmail.com



Certificado

Certificamos que **GUILHERME PURVIN DE FIGUEIREDO** participou como palestrante da 18ª Semana do Meio Ambiente da Universidade de Fortaleza, com a tema **"COP 30: Clima, Direito e Mercado em Conflito"**, que ocorreu nos dias 19 e 23 de maio de 2025, com carga horária de **10 horas**. Na oportunidade, apresentou a palestra **"Painel 8 - Direito, Arte, Literatura no Antropoceno"**, que ocorreu no dia 20 de maio de 2025.

Fortaleza-CE, 20 de maio de 2025.

Profa. Dra. Adriana Helena S. Moreira da Silva
Vice-Reitora de Extensão e Comunidade Universitária
Universidade de Fortaleza

Prof. Dr. Carlos Frederico Marés de Souza Filho
Presidente do Instituto Brasileiro de Advocacia pública
(IBAP)

Profa. Dra. Sheila Cavalcante Pitombeira
Coordenadora-Geral da Associação de Professores
de Direito Ambiental do Brasil (APRODAB)

Prof. Dr. Guilherme Purvin de Figueiredo
Coordenador-geral da Academia Latino Americana de
Direito Ambiental (ALADA)

ALADA

APRODAB
ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE DIREITO AMBIENTAL DO BRASIL

IBAP
INSTITUTO BRASILEIRO DE ADVOCACIA PÚBLICA

Universidade de Fortaleza

D. JOSÉ MANUEL SANTOS PÉREZ, DIRECTOR DEL VIII CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA, ARTE Y LITERATURA EN EL CINE EN ESPAÑOL Y PORTUGUÉS-CIHALCEP, CERTIFICA QUE

GUILHERME JOSÉ PURVIN DE FIGUEIREDO

ha presentado la comunicación *«Hija de la Laguna»: paralelos com a obra de Manuel Scorza* en el VIII Congreso Internacional de Historia, Arte y Literatura en el Cine en Español y Portugués: «El cine y la producción audiovisual frente a los desafíos climáticos y la sostenibilidad socioambiental», celebrado en la Facultad de Traducción y Documentación de la Universidad de Salamanca del 18 al 20 de junio de 2025.

Salamanca, 20 de junio de 2025



D. José Manuel Santos Pérez
Director del VIII CIHALCEP

CENTRO DE ESTUDIOS BRASILEÑOS

VNiVERSiDAD D SALAMANCA

Fundación Cultural Hispano Brasileña

D. JOSÉ MANUEL SANTOS PÉREZ, DIRECTOR DEL VIII CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA, ARTE Y LITERATURA EN EL CINE EN ESPAÑOL Y PORTUGUÉS-CIHALCEP, CERTIFICA QUE

GUILHERME JOSÉ PURVIN DE FIGUEIREDO

ha moderado la mesa *Cine y cosmovisión indígena* en el VIII Congreso Internacional de Historia, Arte y Literatura en el Cine en Español y Portugués: «El cine y la producción audiovisual frente a los desafíos climáticos y la sostenibilidad socioambiental», celebrado en la Facultad de Traducción y Documentación de la Universidad de Salamanca del 18 al 20 de junio de 2025.

Salamanca, 20 de junio de 2025



D. José Manuel Santos Pérez
Director del VIII CIHALCEP

CENTRO DE ESTUDIOS BRASILEÑOS

VNiVERSiDAD D SALAMANCA

Fundación Cultural Hispano Brasileña

XVIII SICOOPES – IX FECITIS

Curso: Literatura e Ecologia na América Latina

Público: Estudantes de Graduação e Pós-Graduação

Vagas: 40 pessoas

Duração: 3 horas

Este mini-curso investiga como a biodiversidade latino-americana, especialmente da Amazônia, se inscreve na literatura e nas artes não como pano de fundo, mas como agente histórico e simbólico. Parte-se da hipótese de que há, na tradição literária ibérica e latino-americana, uma dimensão ecológica, onde natureza e cultura são indissociáveis.

A Amazônia, maior floresta tropical do planeta, surge nas narrativas não apenas como espaço de vida, espiritualidade e memória, mas também como território de disputa, exploração e resistência. A literatura e outras expressões artísticas — pintura, cinema, música e oralidade — capturam as tensões entre os modos de vida sustentáveis dos povos tradicionais e as lógicas de destruição ambiental impostas pelo capitalismo colonial e contemporâneo.

A América Latina abriga cerca de 40% da biodiversidade mundial. Essa realidade ecológica atravessa as produções culturais, que denunciam os impactos do extrativismo predatório e dos projetos que mercantilizam a vida, transformando florestas, rios e territórios em mercadorias. Tragédias socioambientais, como o rompimento de barragens e a devastação causada pela mineração ilegal, não aparecem apenas nos relatórios técnicos, mas também como elementos estruturantes nas narrativas literárias e artísticas.

O colapso ambiental é apresentado nas obras como parte de uma história longa de colonialismo, racismo, escravidão e violência contra povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais. A destruição da natureza é, sobretudo, uma questão social, profundamente vinculada às estruturas econômicas e políticas que historicamente organizam o continente.

Autores como Eliane Brum (*Banzeiro Òkòtó*), Márcio de Souza (*Galvez, Imperador do Acre*), Ferreira de Castro (*A Selva*), Mário de Andrade (*Turista Aprendiz*, *Macunaíma*) e Pauline Melville (*A história do ventríloquo*) constroem narrativas que rompem com a separação entre sociedade e natureza. Suas obras revelam a Amazônia como território de saber, resistência e imaginação poética, dialogando com autores que tratam de outras realidades ambientais, como Lídia Jorge, Antônio Cândido e Manuel Scorza.

A proposta do curso é uma leitura ecocrítica das literaturas amazônica, andina e latino-americana, articulando-as aos debates da geografia, da história ambiental, do direito ecológico e das cosmologias dos povos da floresta, mostrando como a literatura constitui uma ferramenta fundamental para compreender e enfrentar a crise ecológica contemporânea.

Coordenação: Júlio César Suzuki (Professor do Departamento de Geografia da USP, graduado em Geografia e Letras USP); Guilherme José Purvin de Figueiredo (Pós-Doutorando Geografia USP, Doutor e Mestre em Direito, Graduado em Letras USP); Ana Cristina Ribeiro Bonchristiano (Doutoranda e Mestre em Letras USP, Graduada em Letras e Direito USP)

Literatura e Ecologia na América Latina

terça-feira, 26 de agosto de 2025 14:00 às 18:00

Sala De Aula 11 - Bloco Pedagógico

Adicionar ao calendário

Palestrantes

JS **Júlio Cesar Suzuki (Palestrante)**

GF **Guilherme José Purvin de Figueiredo (Palestrante)**

AB **Ana Cristina Ribeiro Bonchristiano (Palestrante)**

Resumo

"Este mini-curso investiga como a biodiversidade latino-americana, especialmente da Amazônia, se inscreve na literatura e nas artes não como pano de fundo, mas como agente histórico e simbólico. Parte-se da hipótese de que há, na tradição literária ibérica e latino-americana, uma dimensão ecológica, onde natureza e cultura são indissociáveis.
A Amazônia, maior floresta tropical do planeta, surge nas narrativas não apenas como espaço de vida, espiritualidade e memória, mas também como território de disputa, exploração e resistência. A literatura e outras expressões artísticas — pintura, cinema, música e oralidade — capturam as tensões entre os modos de vida sustentáveis dos povos tradicionais e as lógicas de destruição ambiental impostas pelo capitalismo colonial e contemporâneo.
A América Latina abriga cerca de 40% da biodiversidade mundial. Essa realidade ecológica atravessa as produções culturais, que denunciam os impactos do extrativismo predatório e dos projetos que mercantilizam a vida, transformando florestas, rios e territórios em mercadorias. Tragédias socioambientais, como o rompimento de barragens e a devastação causada pela mineração ilegal, não aparecem apenas nos relatórios técnicos, mas também como elementos estruturantes nas narrativas literárias e artísticas.
O colapso ambiental é apresentado nas obras como parte de uma história longa de colonialismo, racismo, escravidão e violência contra povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais. A destruição da natureza é, sobretudo, uma questão social, profundamente vinculada às estruturas econômicas e políticas que historicamente organizam o continente.
Autores como Eliane Brum (Banzeiro Òkòtó), Márcio de Souza (Galvez, Imperador do Acre), Ferreira de Castro (A Selva), Mário de Andrade (Turista Aprendiz, Macunaíma) e Pauline Melville (A história do ventríloquo) constroem narrativas que rompem com a separação entre sociedade e natureza. Suas obras revelam a Amazônia como território de saber, resistência e imaginação poética, dialogando com autores que tratam de outras realidades ambientais, como Lídia Jorge, Antônio Cândido e Manuel Scorza."Recolher